



Alex Matner

**TEORIA  
DE FORÇAS  
DE NIETZSCHE**

Cosmologia e construção dos  
conceitos nietzschianos

$\Phi$  editora fi



**TEORIA DE FORÇAS DE  
NIETZSCHE:  
COSMOLOGIA E CONSTRUÇÃO DOS  
CONCEITOS NIETZSCHIANOS**



Alex Matner

**TEORIA DE FORÇAS DE  
NIETZSCHE:  
COSMOLOGIA E CONSTRUÇÃO DOS  
CONCEITOS NIETZSCHIANOS**

Este livro é um trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Filosofia. Aprovado pela banca examinadora, composta pelos professores Dr. Ronel Alberti da Rosa, Dr. Sérgio Sardi e Dr. Nythamar de Oliveira no segundo semestre de 2012.

Porto Alegre |  
2013

Φ editora fi

**Direção editorial e diagramação:** Lucas Fontella Margoni

**Imagem da capa:** Bóson de Higgs; Hemera/Thinkstock

**Impressão e acabamento:** *Akikópias*

**www.editorafi.com**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

MATNER; Alex

Teoria de Forças de Nietzsche: cosmologia e construção dos conceitos nietzschianos [recurso eletrônico] / Alex Matner. -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2013.

81 p.

ISBN - 978-85-66923-10-0

Disponível em:

<http://www.editorafi.com/2013/11/alexmatner.html>

1. Teoria de Forças. 2. Perspectivismo 3. Experimentalismo.  
4. Vontade de Potência. 5. Eterno Retorno. I. Título.

CDD-118

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia

118

**Teoria de Forças de Nietzsche:  
cosmologia e construção dos  
conceitos nietzschianos**





Dedico esse trabalho às pessoas que  
mais contribuíram para sua conclusão:

Juliana, Valentina e Luíza.

E à minha mãe, Maria Aparecida, pelo  
carinho, força e incentivo.



# SUMÁRIO

1 Introdução.....	11
2 Teoria de Forças – introdução do conceito .....	13
3 Indícios de uma Construção Cosmológica.....	18
4 Definição da Teoria de Forças, ligada ao Eterno Retorno e à Vontade de POTÊNCIA .....	30
4.1 Eterno Retorno.....	38
5 As Implicações da Teoria de Forças na Obra de Nietzsche .....	45
5.1 – Perspectivismo.....	45
5.2 – Nihilismo .....	54
5.3 – Amor Fati.....	57
5.4 – Valoração, Transvaloração e Moral.....	61
5.5 – Super-Homem ou Além do Homem .....	69
6 Considerações Finais .....	72
Referências .....	79



# 1 INTRODUÇÃO

Esse livro tem como objetivo principal apresentar o conceito de Teoria de Forças, originalmente apresentado por Scarlett Marton em sua abordagem da obra de Nietzsche, procurando revitalizar a compreensão do conceito e reavaliar a obra do filósofo em busca de sua criação cosmológica, as maneiras de pensar seus conceitos principais e o modo como ele cria sua rede de ideias baseada na observação da natureza.

Partiremos das ideias apresentadas no livro *Das forças cósmicas aos valores humanos* de Scarlett Marton, buscando reapresentar sua argumentação em favor do reconhecimento dessa Teoria de Forças na filosofia de Friedrich Nietzsche. A partir dessa perspectiva, trazida à luz nos anos noventa, nos aprofundaremos na obra de Nietzsche em busca de textos que corroborem a referida teoria, que a completem, que deem a ela novo enfoque; ou até mesmo que a desmintam, se esse for o caso.

Tentaremos reconstruir os conceitos principais do filósofo em busca de uma atualização de argumentos em favor dessa nova perspectiva na obra do autor. A ideia de uma cosmologia natural, baseada em observação física, desafia o entendimento de leitores do filósofo, sejam leigos ou estudiosos de sua filosofia. Através de nossa análise, procuraremos compreender melhor essa faceta pouco explorada<sup>1</sup> de Nietzsche, tentando responder as questões rela-

---

<sup>1</sup> Na verdade, apenas especialistas na obra de Nietzsche tem uma compreensão do que seja a Teoria de Forças, sendo ainda de desconhecimento do grande público filosófico as discussões acerca de sua implica-

tivas às ciências naturais, religando-as com uma abordagem filosófica mais fenomenológica, genealógica e experimental, em oposição ao formalismo lógico e analítico (predominante atualmente no início do século XXI).

Ao mesmo tempo, tentaremos corroborar a legitimidade dessa posição entre os estudiosos do filósofo, ainda pouco acostumados a ouvir sobre a Teoria de Forças. Apesar de reconhecer que Scarlett Marton já marcou seu lugar como especialista em Nietzsche, especificamente com esse assunto, queremos construir esse trabalho atualizando as suas conclusões, sua argumentação, refazendo o seu caminho conceitual e estabelecendo paralelos com algumas teorias e conhecimentos ligados às ciências, assim como a Filosofia da Ciência.

Sobretudo, o trabalho se concentrará na argumentação e no exercício de reflexão filosófica, orientada por uma teoria pouco explorada fora dos círculos acadêmicos, mas rica. Será uma nova forma de dialogar com Nietzsche e estabelecer uma proximidade com seu pensamento. O perspectivismo de que o próprio autor sempre se valeu para avaliar as coisas ao seu redor será nosso guia nessa empreitada; uma lente de conceitos construída por uma abordagem naturalista, biológica e científica.

## 2 TEORIA DE FORÇAS – INTRODUÇÃO DO CONCEITO

A obra de Nietzsche, em sua maior parte, se apresenta de forma aforismática, além de não sistemática. Ao longo de décadas, os comentadores buscaram uma unidade de método ou coerência que permitisse compreender os conceitos, o pensamento e a crítica proposta pelo filósofo em meio à sua obra. Ao mesmo tempo, o aspecto mais conhecido da filosofia nietzschiana é seu trabalho como demolidor da moral, demolidor de conceitos e um crítico ferrenho da filosofia de seu tempo, a começar pelos idealistas. Há também aspectos estéticos, nos conceitos de Dionisíaco e Apolíneo (a serem explicados adiante); há a sua obra máxima, *Assim falava Zaratustra*, que o filósofo considera seu melhor trabalho escrito e faz questão de expressar seu contentamento<sup>2</sup>. Na verdade, a obra de Nietzsche já foi abordada de diversas formas ao longo de mais de um século, sendo estudado justamente por esse caráter livre, de escrita não linear, quase literário e ainda muito provocador, crítico, sarcástico e astuto em suas intuições.

---

<sup>2</sup> Em diversas passagens de *Ecce homo*, Nietzsche deixa claro seu orgulho com a obra a qual dedicou sua melhor inspiração, seu melhor esforço dionisíaco. Logo no Prólogo ele dispara: “Entre minhas obras o meu Zaratustra ocupa lugar à parte. Com ele dei à humanidade o maior presente que lhe foi dado até hoje”. No capítulo *Porque Escrevo Livros Tão Bons*, aforismo § 4, ele escreve: “Sempre tendo em vista o fato de que existem ouvidos – de que existem ouvidos que são capazes desse *páthos* igual, de que não faltam aqueles com os quais a gente pode se comunicar... Meu Zaratustra, por exemplo, até hoje procura por ouvidos assim – ah! E ele haverá de procurar por muito tempo!”.

No presente trabalho, partiremos da visão específica de Scarlett Marton acerca da obra nietzschiana, tendo como ponto inicial seu livro: *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*, onde a autora apresenta sua tese de doutorado<sup>3</sup>. Ao analisar mais profundamente os aspectos fundamentais dos conceitos de Nietzsche, a autora descobre certa coerência, certo sentido que aponta ao que poderemos chamar de uma Teoria de Forças, inerente ao pensamento do filósofo. Faremos uma análise de sua obra em busca de pistas sobre esse entendimento, tentaremos verificar a Teoria de Forças com análises precisas de passagens na obra de Nietzsche, faremos sobretudo o exercício interpretativo e a leitura que o próprio filósofo nos exige:

... É verdade que para praticar a leitura como uma “arte”, é necessário, antes de mais nada, possuir uma faculdade hoje muito esquecida [...] uma faculdade que exige qualidades bovinas e não as de um homem moderno, ou seja, a ruminação. (NIETZSCHE, 2007a, p. 20).

A investigação da autora perpassa todos os diversos aspectos do pensamento do filósofo, mas nos interessa especialmente a primeira e segunda partes de seu livro, bem como o capítulo final, que faz uma ligação dos diversos conceitos investigados. Os primeiros capítulos demonstram precisamente a constituição cosmológica do conceito de Vontade de Potência, vida e forças em ação, procurando

---

<sup>3</sup> Usaremos como referência a segunda edição, de 2000, lançada pela Editora UFMG. Marton apresentou sua tese de doutorado no fim dos anos oitenta, tendo a primeira publicação do livro sido feita em 1990.



demonstrar como se originaram as ideias gerais e as formulações primárias desses conceitos e sua construção de uma teoria de forças em equilíbrio, na vida e na natureza em geral.

Pretendemos demonstrar o que é esse conceito de Forças; se foi corretamente identificado e se foi explorado satisfatoriamente – no sentido de ser algo relevante ao entendimento do filósofo ainda hoje; e como se pode perceber esse conceito em ação ao longo de seus livros, ao longo de sua teoria de conhecimento (Perspectivismo), sua relação com o Eterno Retorno e a explicação cosmológica da existência humana. E principalmente procuraremos demonstrar até que ponto é relevante compreender esse conceito em uma época mais lógica e analítica<sup>4</sup>, onde ideias filosóficas que se encaminhem para a filosofia da ciência têm sido tratadas.

O conceito vai à contramão de teorias de conhecimento contemporâneas, já pelo tipo de abordagem perspectivista de que se utiliza Nietzsche, até as demonstrações e implicações de sua aceitação. É uma crítica ao logicismo que toma conta dos meios acadêmicos em detrimento de conhecimentos mais humanistas, mais abrangentes. Poder-se-ia dizer que procuramos uma aproximação com teorias de ramos contemporâneos da Biologia, Física e Química, além de uma proposta a ser estudada em Filosofia da Ciên-

---

<sup>4</sup> Não pretendemos nos aprofundar nas discussões epistemológicas contemporâneas, por fugir muito do escopo do presente trabalho, mas temos em mente a distância que nos separa dos atuais temas e maneiras de encarar o conhecimento e as formas de apreensão da realidade propostas pelos epistemólogos. Se for preciso, ao longo do trabalho serão feitos os devidos esclarecimentos.

cia<sup>5</sup>, algo praticamente impensável ao se deparar com a filosofia nietzschiana.

Mais do que apenas analisar a obra de Nietzsche, queremos atualizar a idéia básica, os conceitos e a problematização cosmológica, à luz de uma compreensão contemporânea, atualizada por novos conhecimentos científicos e uma nova abordagem filosófica – ainda que não tenhamos a pretensão de criticar o trabalho de Scarlett Marton que nos serve de guia, possivelmente teremos algumas considerações a acrescentar ao conceito, tendo em vista esse tipo de abordagem a que nos propomos.

Temos que ter em mente que a ciência à época do filósofo era muito diferente em termos de teorias e conceitos, sendo especificamente estudada à luz do positivismo dominante em seu século<sup>6</sup>; ainda assim, as implicações da Teoria de Forças podem ser analisadas em filosofia de modo contundente para desmistificar certas visões e preconceitos que envolvem a figura de Nietzsche, clarificando seu

---

<sup>5</sup> Até onde pudemos pesquisar Nietzsche não é tido como um autor que deva ser estudado em Filosofia da Ciência – algo que realmente procuraremos desmistificar.

<sup>6</sup> Recorreremos aqui, por questões de coerência de um entendimento filosófico, à definição de Positivismo dada por Japiassú e Marcondes em seu Dicionário Básico de Filosofia, e não a uma definição estritamente científica: “Em um sentido mais amplo, um tanto vago, o termo "positivismo" designa várias doutrinas filosóficas do séc. XIX como as de Stuart Mill, Spencer, Mach e outros, que se caracterizam pela valorização de um método empirista e quantitativo, pela defesa da experiência sensível como fonte principal do conhecimento, pela hostilidade em relação ao idealismo, e pela consideração das ciências empírico-formais como paradigmas de cientificidade e modelos para as demais ciências. Contemporaneamente muitas doutrinas filosóficas e científicas são consideradas "positivistas" por possuírem algumas dessas características, tendo este termo adquirido uma conotação negativa nesta aplicação”.

entendimento da moral como reflexo da Vontade de Potência, de como se dá a criação de sua valoração a partir da interação de forças, seu apego às ideias de superação e Eterno Retorno que fazem sentido a partir do entendimento de sua cosmologia natural. Além disso, tem reflexos válidos em diversos campos científicos de forma relevante, capaz de revelar aspectos não estudados em sua obra.

Procuraremos abordar de modo claro e direto essas questões, sempre mantendo o pensamento de Nietzsche como base em nossas investigações. Os conceitos, ideias e modos de se expressar de Nietzsche são partes constitutivas dessas forças criadoras em ação e desenvolvimento. E a exemplo de uma frase de textos póstumos do autor: “[...] a vida só é possível sob a direção de tais forças restritivas que geram perspectivas”<sup>7</sup>, buscaremos essas forças.

Como demonstraremos o conceito principal de Nietzsche, a Vontade de Potência, só visa a demonstrar o quanto a Teoria de Forças e sua construção cosmológica partem da vida, das funções orgânicas para então servirem de limitação e orientação para as ações humanas, as formas de percepção da realidade. Perspectivas essas que poderão ser determinadas a partir das configurações de forças. Veremos adiante como isso funciona.

---

<sup>7</sup> NIETZSCHE, 2007b, p. 196.

### 3 INDÍCIOS DE UMA CONSTRUÇÃO COSMOLÓGICA

Existe certo consenso entre os comentadores da obra de Nietzsche de que seus escritos parecem não ter uma unidade teórica ou conceitual clara, desse modo o caracterizando como um autor não sistemático. Sendo que a ideia de um sistema corresponderia a uma forma metódica de abordagem de conceitos, uma definição ontológica e cosmológica definidas. A tentativa de aprofundar-se na explicação da realidade e da racionalidade humanas, com axiomas e determinações, responde a um tipo de abordagem filosófica que corresponde à Platão, Aristóteles e perpassa a história da filosofia até Kant e Hegel, últimos a trabalharem com essa noção de um sistema explicativo da racionalidade e da realidade.

Mas buscamos compreender um pouco melhor a abordagem nietzschiana, verificando sua razoabilidade, dentro das ideias do próprio autor. Para tanto, partiremos de uma análise específica da obra do filósofo, demonstrando que Nietzsche, mesmo sem ter um sistema, tinha uma coerência e um aprofundamento contínuo de seus conceitos presente em seus livros. Fica clara essa perspectiva ao tomarmos como base o estudo de sua obra como um todo e não livros isolados de seu contexto, longe do entendimento de como foi escrito.

Nietzsche escreve de modo pessoal, visceral, dionisíaco. O termo “dionisíaco” refere-se à ideia de um instinto

ou princípio humano que se manifesta como um destrutor, como caos, recriação, emoção e paixão desmedida, em referência ao deus grego Dionísio. O conceito é apresentado por Nietzsche em sua obra *O nascimento da tragédia*, em oposição ao princípio ordenador, racional e de criação (apolíneo). Nos capítulos seguintes esses conceitos serão retomados e explicados.

Ignorar o processo de criação filosófica nietzschiana é descartar um dos mais importantes aspectos para sua compreensão – algo a que não podemos nos furtar. A ideia é que o autor teria desenvolvido, ao longo de sua obra, uma cosmologia baseada em observações biológicas e físicas, capaz de dar suporte e embasamento aos seus conceitos filosóficos e que Scarlett Marton apresenta como a Teoria de Forças na filosofia nietzschiana.

Como Nietzsche postula a ideia de uma Teoria de Forças presente na natureza, capaz de responder às mais diversas questões filosóficas de todos os tempos, ao fim de suas formulações conceituais? Em sua tentativa de estabelecer suas ideias e desvendar a trama de abordagens acerca da natureza, do *kosmos* e das leis naturais Nietzsche foi aos poucos criando em sua obra uma espécie de cosmologia naturalista, ou uma forma de ver a natureza de modo mais abrangente, já em sua época<sup>8</sup>. Essa visão foi determinando uma rede conceitual que o próprio filósofo teve que desmentar e desvelar em seus escritos.

---

<sup>8</sup> Essa forma abrangente de observar o mundo não era normalmente utilizada entre os cientistas, a não ser em filosofia, como no caso de autores como Kant ou Hegel, criadores de sistemas que pretendiam explicar a natureza. Para Nietzsche, era possível explicar a natureza sem recorrer a sistemas. Veremos ao longo do trabalho de que forma ele chega a postular essa ideia.

Tomaremos como base do que seja uma cosmologia o conjunto de teorias científicas que tratam das leis ou das propriedades da matéria em geral, ou do universo, aquelas teses que pode explicar a natureza e suas leis; observa-se que toda cosmologia supõe a possibilidade de um conhecimento de mundo como sistema e de sua expressão num discurso sistemático (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006)<sup>9</sup>. No entanto, entendemos que Nietzsche tenta uma explicação dessas propriedades da matéria, ainda que fuja a um sistema ou construção de um discurso filosófico acabado, como era próprio de sua abordagem.

O surgimento da cosmologia de Nietzsche se dá pela tentativa de aproximar as chamadas ciências da natureza (*Naturwissenschaften*) e as ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*) na elaboração de um ponto de ligação entre ambas. Nietzsche pretende partir de avaliações históricas e sociais para construir sua filosofia da natureza<sup>10</sup>. Ela serve de base mais tarde para a elaboração dos conceitos de valoração moral, fundamentando também as reflexões sobre a condição humana, que tanto lhe interessava. Sua pesquisa sistemática em filosofia era completada por leituras de autores de diversas áreas de conhecimento, literatura e arte.

Para compreender um pouco melhor como se dá essa pesquisa, convém mostrar as obras de Nietzsche em uma cronologia capaz de servir de guia nessa investigação.

---

<sup>9</sup> Termo retirado do Dicionário Básico de Filosofia, de Hilton Japiassú e Danilo Marcondes, 4ª edição, 2006, P. 48.

<sup>10</sup> [...] com esse intuito, percorre caminho inverso ao dos evolucionistas, que perseguem o mesmo objetivo [...] Parte da história das civilizações, lançando mão de estudos antropológicos e etnológicos para chegar à filosofia da natureza (MARTON, 2000, p. 23).

Tomaremos por base a classificação de Marton por concordar com os pontos de divisão da obra e por entender que essa organização definirá rumos claros de compreensão da criação dos conceitos nietzschianos.

A obra de Nietzsche pode ser dividida em três fases distintas, apesar de certa controvérsia entre os estudiosos do autor. A primeira fase, entre 1870 e 1876, trata-se de uma época de preocupações estéticas e culturais ainda muito ligadas aos seus trabalhos em filologia, poesia e notas autobiográficas, correspondendo a esse período os livros: *O nascimento da tragédia*, *A filosofia na época trágica dos gregos*, *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral* e as *Considerações extemporâneas*; a segunda fase (1876 a 1882) tem cunho mais científico, de espírito livre, onde se desenvolvem os primeiros escritos acerca de sua Teoria de Forças e primeiras formulações de suas ideias e conceitos, correspondendo aos livros: *Humano, demasiado humano*, *Aurora* e *A gaia ciência* (fase essa que engloba essas primeiras investigações naturais); a terceira fase (1882 a 1888) busca uma reavaliação de seus conceitos, suas ideias, tenta desenvolver uma melhor compreensão de suas avaliações filosóficas e parte de *Assim falava Zaratustra*, *Além do bem e do mal*, *A genealogia da moral*, *Crepúsculo dos ídolos*, *O anticristo* e *Ecce homo* até novos prefácios de outras obras e fragmentos póstumos (onde Nietzsche reflete sobre cosmologia, aponta direções em suas intuições e chega aos conceitos de Vontade de Potência e Eterno Retorno). A segunda e terceira fase são as mais importantes para a construção cosmológica, pois nessa época Nietzsche está em pleno estudo de ciências naturais além de suas observações empíricas, muito comuns desde que sua saúde se tornara frágil e passara a residir em vários lo-

cais<sup>11</sup>. Não há como precisar exatamente como se dá a compreensão e intuição de seus conceitos, mas percebe-se uma contínua evolução e reconstrução por parte dele, na tentativa de rever, reavaliar seus escritos. A busca por novas formas de ver um problema era habitual em sua obra. Ao reeditar os livros *Além do bem e do mal* e *A gaia ciência*, ele prepara novos prefácios, dando novo entendimento de velhos conceitos, sendo que os conceitos de Vida e de Vontade de Potência interligados vem à tona a partir de Zaratustra.

Unir seus conceitos com as ciências era de especial interesse ao filósofo, pelo que podemos perceber ao estudar sua construção conceitual. Nietzsche há muito já se dedicava a leituras em biologia e em outras áreas de ciências naturais<sup>12</sup>. O reflexo desse estudo se dá na contínua revisão a que o filósofo submete suas ideias, aperfeiçoando-as e reavaliando-as ao longo de sua vida, buscando uma conceitualização cada vez mais criteriosa, consonante com a ciência de sua época e com sua convicção de que é necessário interpretar e reinterpretar um texto, realizando uma genealogia de sua própria filosofia. Percebe-se que Nietzsche acaba

---

<sup>11</sup> Em nenhuma parte se deixará reter por mais de seis meses. Percorrerá estradas da Suíça, Itália, França e Alemanha, sonhará com lugares mais distantes (PECORARO, 2008f, p. 182).

<sup>12</sup> Conforme Marton nos apresenta os escritos de Charles Andler (*Nietzsche as vie et as pensée*, V1, p. 464) desde 1868 Nietzsche já teria tido contato com a obra de Darwin através do livro *História do Materialismo*, de Lange, 1866. A partir desse livro ele estuda outras ciências naturais e interessa-se sobremaneira sobre as explicações biológicas e físicas acerca do mundo. A partir dessa abordagem inicial, ele desenvolve suas leituras também em Lamarck e Spencer. Em várias passagens de seu livro, Marton demonstra que Nietzsche conhecia e estudara a fundo as teorias biológicas propostas por esses autores (MARTON, 2000, p. 241).



aperfeiçoando sua genealogia e seu perspectivismo nessa tentativa de reavaliação, o que gera uma rica fonte de aforismos e ideias.

A partir das avaliações de Nietzsche sobre os processos biológicos, ele desenvolve o conceito de Vontade de Potência, presente pela primeira vez em *Assim Falava Zaratustra*<sup>13</sup>, sendo que a gênese dessas avaliações gerou outras posteriores:

O conceito de vontade de potência, servindo como elemento explicativo dos fenômenos biológicos, será também tomado como parâmetro para a análise dos fenômenos psicológicos e sociais; é ele que vai constituir o elo entre as reflexões pertinentes às ciências da natureza e as que concernem às ciências do espírito. (MARTON, 2000, p. 42).

Há uma ligação entre o conceito de Vontade de Potência e viver, como uma característica orgânica presente em todos os seres vivos, não apenas no homem. Ela é uma força que impele a célula a buscar um transbordamento, uma potência cada vez maior; ela se manifesta “face a resistências, procura o que lhe resiste: tendência original do

---

<sup>13</sup> Existem passagens de *Assim falava Zaratustra* que ilustram o enunciado: “[...] o que persuade o vivente para que obedeça e mande, e mandando, exerça a obediência? [...]” e logo depois “[...] onde encontrei vida, ali encontrei vontade de potência; até mesmo na vontade daquele que serve encontrei vontade de ser senhor [...]”. Acrescento ainda: “[...] só onde há vida há vontade. Não vontade de viver, mas como eu ensino, vontade de potência [...]”. Todas as passagens são da *Segunda Parte, Da Superação de Si*.

protoplasma, quando estende seus pseudópodes e tateia à sua volta<sup>14</sup>.

Assim, uma célula qualquer (seja vegetal ou animal) esbarra em outras, resiste, busca vencer outras resistências, estimula-se; trava-se um verdadeiro combate pela supremacia. Nessa metáfora do combate estabelecem-se as hierarquias entre vencidos e vencedores, uma parte de um organismo se torna função de outro, ainda que temporariamente. As células organizadas originam tecidos; os tecidos se equilibram em órgãos maiores; esses passam a combater outros órgãos, determinam suas funções e por sua luta definem-se como se desenvolvem seres e organismos complexos, propiciando a vida através dessa luta por potência, por transbordamento:

Não cansamos de maravilhar-nos com a ideia de como o corpo humano se tornou possível, como essa coletividade inaudita de seres vivos, todos dependentes e subordinados, mas num outro sentido dominantes e dotados de atividades voluntárias, pode viver e crescer enquanto um todo e subsistir algum tempo. (NIETZSCHE, citado por MARTON, 2000, p. 43).

O indivíduo é essa soma de diversos pequenos organismos em combate, em equilíbrio de forças atuantes, que gera uma multiplicidade do corpo humano. A criação de órgãos e funções se estabelece por uma força fundamental, por algo tente se afirmar perante outras. Ela pode ser

---

<sup>14</sup> Conforme aforismos de *Fragmentos do espólio*: 9[151], 11[77], 14[174] (NIETZSCHE, 2008d).

conflitante ou criadora, mas está sempre presente no homem.

Ele parte da observação de fenômenos naturais influenciado por naturalistas de sua época, em especial Darwin, Lamarck e Spencer, buscando entender como ocorrem os processos biológicos. Sua aguda percepção o leva a notar certas similaridades entre as diversas teorias, sem que nenhuma tome como estudo o mais básico da vida, que seria a vontade de viver. Entender a teoria das espécies de Darwin serviu de base para suas primeiras formulações do conceito de vida, apesar de Nietzsche criticar o biólogo:

Anti-Darwin – No tocante ao célebre “combate pela vida”, ele me parece às vezes mais afirmado que provado. Ocorre, mas como exceção; o aspecto global da vida *não* é a situação de indigência, a situação de fome, mas antes a riqueza, a exuberância e até mesmo o absurdo esbanjamento – onde se combate, combate-se por potência... (NIETZSCHE, 1998, p. 35).

Nietzsche entendia a vontade de potência como uma constante luta que se deflagrava em todas as células, todos os micro-organismos, entre os órgãos de um corpo; em organismo contra organismo<sup>15</sup>. Não há como fugir dessa relação, simplesmente porque a célula age, quer agir, quer buscar se reproduzir, quer crescer; busca resistências, efetivando-se na disputa com os oponentes semelhantes,

---

<sup>15</sup> Ideia esta, segundo Marton, que viria do conceito de “concorrência vital” apresentado pelo biólogo Wilhelm Roux em 1881. (MARTON, 2000, p. 57).

entendidos aqui como antagonistas, não como presas ou predadores.

Diferente do que afirma Darwin, a luta pela sobrevivência não favorece o mais apto ou o mais forte, mas sim o que mais tem vontade de prevalecer sobre outros, noção que incluiria também os indivíduos mais fracos em uma determinada espécie, desde que se tenha desenvolvida a potência vital. Noção esta que incluiria o próprio homem.

A Vontade de Potência é superior ao *Struggle of Life* (luta pela vida) da teoria da evolução. A luta que se desenvolve entre espécies é apenas um reflexo da Vontade de Potência em ação, uma vez que ela atua entre os múltiplos elementos de um organismo; assim, entendida de uma forma mais ampla, complexa e abrangente do que apenas uma tentativa de preservação da espécie, a Vontade de Potência coloca o elemento interior como essencial à vida, e não circunstâncias exteriores. Para Nietzsche, a luta pela vida é uma manifestação de algo que subjaz, está mais para uma consequência de um fenômeno intrínseco, do que para uma característica dos seres biológicos. Mais uma vez recorremos ao filósofo em seus fragmentos: “a vida não é adaptação de condições internas ou externas, mas vontade de poder que, desde dentro, submete a si e incorpora cada vez mais o externo”<sup>16</sup>.

O indivíduo mais forte tem precedência numa luta direta, mas a sobrevivência de toda uma espécie depende do mais inteligente, sociável ou mesmo fraco em cada grupo, seja por esperteza ou uma carga genética importante para a procriação. Segundo Nietzsche “o homem mais pre-

---

<sup>16</sup> NIETZSCHE, 2007b, p.197.

judicial pode ser ainda, no fim das contas, o mais útil à conservação da espécie, pois sustenta em si mesmo, ou nos outros pela sua influência, instintos sem os quais a humanidade estaria a muito tempo definhada e corrompida”<sup>17</sup>, conforme o primeiro aforismo da Gaia Ciência. Em outro livro, explicita bem sua ideia a respeito do que vem sendo explicado:

Os fisiólogos deveriam refletir ao estabelecer o impulso de auto conservação como o impulso cardinal de um ser orgânico. Algo que é vivo quer sobretudo dar vazão à sua força – a vida mesma é vontade de poder – a auto conservação é apenas uma das consequências indiretas e mais frequentes disso (NIETZSCHE, 2008b, p.35).

A vida busca se afirmar a todo custo, busca diversidade e variedade; não por necessidade de preservação, mas por ser ela mesma plena de força e possibilidades. Essa plenitude é o que gera a interação entre forças biológicas e propicia a diversidade natural observada pelos cientistas. Tomar por acabada a teoria da evolução é não buscar o conceito mais profundo nessa teia intrincada de influências, de forças em constante sobreposição.

Observando a vida em processo, a interação humana, as sociedades e o crescimento natural, Nietzsche percebeu a ligação fundamental entre vontade de viver e a afirmação do ser. O querer viver sempre é mais forte que a necessidade de sobreviver e onde se toma um por outro se incorre em um erro de avaliação das forças em ação. O

---

<sup>17</sup> NIETZSCHE, 2008a, p. 34.

estabelecimento da Vontade de Potência como conceito fundamental de sua Teoria de Forças é uma decorrência de seu pensamento acerca das interações biológicas, físicas e psicológicas do ser humano com a natureza, justamente por perceber a maneira como um organismo mínimo tenta prevalecer, como cada célula deseja se impor sobre as outras. Como seria possível isso a um micro-organismo? Por uma potência natural presente em sua mais íntima constituição, a célula já emana uma força de vida, uma força natural de apropriação. A força é um efetivar-se, uma constante ação contra algo, contra outras forças. As forças só existem em seu aspecto plural: não há uma única força, sempre há pelo menos duas delas em ação, em geral muitas mais.

Marton nos dá pistas ao apresentar fragmentos póstumos de Nietzsche que explicam a ligação entre o orgânico e inorgânico, onde repousaria um equilíbrio na força repulsiva desses átomos, donde resultaria a definição de vida como uma forma durável de um processo de equilíbrio de forças<sup>18</sup>. Esse equilíbrio é determinado pela Vontade de Potência, e como tal, ela é o elo entre as ciências da natureza (*Naturwissenschaften*) e as ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*), conforme atestado em passagens póstumas.

Cabe ressaltar um aforismo de *Além do bem e do mal* que esclarece o que argumentamos até agora e demonstra resumidamente o entendimento de Nietzsche acerca de seu conceito:

---

<sup>18</sup> Apresenta os *Fragments do espólio*, junho/julho de 1885: 36 [22], 36 [20] e 36 [31] (NIETZSCHE, 2008d).

Supondo finalmente, que se conseguisse explicar toda a nossa vida dos impulsos como configuração e ramificação de uma forma básica de vontade – a saber, da vontade de poder, como é *minha* tese - supondo que se pudessem reduzir todas as funções orgânicas a essa vontade de poder, e que nela também se encontrasse a solução do problema da geração e da nutrição – trata-se de um único problema – então se obteria com isso o direito de definir inequivocamente *toda* força atuante como: *vontade de poder*. O mundo visto de dentro, o mundo definido e classificado no seu “caráter inteligível” – ele seria precisamente “vontade de poder” e nada além disso (NIETZSCHE, 2008b, p. 61).

A partir desse ponto, nossa investigação tentará explicitar a relação dessas forças em ação com o desenvolvimento do conceito de Eterno Retorno, além da evolução da Vontade de Potência como conceito social, psicológico e moral, em sua forma mais conhecida e entendida. O capítulo seguinte trará novos elementos que podem ligar os pontos ainda divergentes no entendimento dessa construção cosmológica.

## 4 DEFINIÇÃO DA TEORIA DE FORÇAS, LIGADA AO ETERNO RETORNO E À VONTADE DE POTÊNCIA

Não nos seria possível determinar se os estudos físicos que Nietzsche desenvolveu se deram junto com suas leituras acerca da biologia; por isso, estabelecemos como linha argumentativa o que sabemos dos estudos de Nietzsche e o que nos parece da leitura de sua obra como um todo. Por essa opção, a construção cosmológica, baseada nos processos vitais, tem precedência às observações sobre a natureza (na física e química) apresentadas nesse capítulo. Somente depois de começar a construir a Teoria de Forças nos aspectos vitais é que o filósofo parece leva-la adiante como hipótese cosmológica e tema base de sua filosofia.

Procuramos demonstrar no capítulo anterior de que maneira surgiu o conceito de forças e sua relação com a construção de um entendimento da vida a partir da vontade de potência. Não é diferente nas ciências naturais: a física, química ou astronomia. Os astros, elementos e energias se manifestam de diferentes formas e interagem, integram-se ou repelem seguindo uma aparente organização, ainda que as combinações possíveis sejam humanamente impossíveis de determinar.

A Vontade de Potência é um reflexo dessas forças naturais num ente orgânico, mostra que a natureza desses



fenômenos se mantêm mesmo quando agrupados em um organismo autônomo e consciente de si. A forma como o corpo se organiza, para Nietzsche, não reprime o equilíbrio de forças em ação, não acaba com a complexa rede de vontades em conflito. E conflito não é entendido apenas como oposição ou combate entre contrários. Na verdade, essa complexidade do embate entre as forças é o que torna o organismo humano uma forma muito peculiar de vida, de reflexo dessas forças: “Defendamo-nos de dizer que a morte é o contrário da vida. Aquilo que está vivo trata-se apenas de uma variedade do que está morto, e uma variedade muito rara”<sup>19</sup>.

A Teoria de Forças de Nietzsche é a soma, a combinação e a atuação de todas as forças naturais presentes no universo, que afetam os seres vivos, energias, seres inanimados e suas relações com o meio que vivem; é não é um em si, mas um agir sobre, em relação a algo; é a compreensão dos processos que integram as diversas ciências, que torna possível a filosofia, que busca explicar o pensar humano, que tenta justificar nossas ações morais e que, em essência, seria a ligação inerente entre todas as questões fundamentais que movimentaram as intuições filosóficas até a modernidade.

Para que fique mais claro, faz-se necessário entender o que significa uma força para ele. O conceito de uma força para Nietzsche envolve apenas uma noção de quantidade, conforme seus fragmentos: “Alguma vez já se constatou uma força? Não, apenas seus efeitos, traduzidos em

---

<sup>19</sup> NIETZSCHE, 2008a, p. 106.

uma língua completamente estrangeira”<sup>20</sup>; e em sua Genealogia da Moral, fica claro como entende o que é uma força:

Um *quantum* de força corresponde ao mesmo *quantum* de impulso, vontade, efetivação – ou melhor, nada mais é do que precisamente esse impulso, essa vontade, essa efetivação e só pode parecer de outro modo por causa da sedução da linguagem (e dos erros fundamentais da linguagem, nela sedimentados) que compreende – equivocando-se – toda efetivação como condicionada por algo que se efetiva, por um sujeito (NIETZSCHE, 2007a, p. 42).

Por essa avaliação, não se pode distinguir força e manifestação, não há uma única força, mas várias. A força simplesmente é um efetivar-se, e percebemos ou damos sentido a essa percepção, através dos efeitos que são produzidos. O que não se pode fazer é confundir esses efeitos com ela própria. Não se pode dizer que as forças produzam efeitos ou produza algo a partir de alguma coisa que a impulsiona, teríamos que destacá-la de suas manifestações e enquadrá-la na causalidade<sup>21</sup>.

Além disso, não se deve esquecer que ela, por ser um efetivar-se, não pode deixar de se exercer, de se mostrar. Se ignorarmos esse aspecto combativo inerente da força, acabaremos atribuindo a ela uma intencionalidade que não lhe é própria, que é apenas humana. A força seria reflexo de uma vontade exterior ou seria intenção de outra força anterior? O aspecto de movimento incessante, de um

---

<sup>20</sup> Fragmentos Finais, outono de 1885/outono de 1886, 2 [159] (NIETZSCHE, citado por MARTON, 2000, p. 68)

<sup>21</sup> PECORARO, 2008f, p. 184.

expandir-se contínuo e de um sentido de apropriação interno denota sua sempre manifesta potência: o querer-ser-mais. Não há um único sentido para as forças e nem finalidade a realizar, logo, não pode haver um caráter teleológico em sua efetivação. Ela é movimento e querer, sem ressalvas e sem objetivo.

Tomada como relações de forças em um constante efetivar-se, a realidade cosmológica implica uma aceitação da vontade de potência como parte fundamental e básica de todas as forças. E a vontade de potência, por sua vez, cria novas configurações em sua relação com outras, estabelece novos parâmetros, novas combinações de forças.

Uma forma de entender esse efetivar-se é lembrar os primeiros escritos do filósofo, mais especificamente o seu livro *O Nascimento da Tragédia*<sup>22</sup>. Nessa obra ele apresenta dois conceitos fundamentais que são explorados na arte e na tragédia gregas: o princípio Apolíneo, pacífico, ordenador, o que dá forma; e o princípio Dionisíaco, que cria, destrói, embriaga, dissolve barreiras. Ao mesmo tempo em que o Apolíneo deseja formar, o Dionisíaco deseja dissolver e da interação e interpenetração de ambos, se criam as coisas, as ideias, a arte. São duas forças fundamentais em criação, efetivação e oposição, mas ao mesmo tempo em equilíbrio e determinação.

Nos escritos da terceira fase de Nietzsche, esses conceitos são subsumidos na concepção da Vontade de

---

<sup>22</sup> O livro *O Nascimento da Tragédia* trata especificamente do aspecto estético e da análise desses princípios conceituais na arte e na tragédia, mas são tomados em nossa interpretação como conceitos dentro da teoria de forças, por considerarmos relevante a maneira com que se desenvolvem dentro da filosofia de Nietzsche, exemplificando o desenvolvimento da teoria.

Potência e na Teoria de Forças. Enquanto uma força deseja criar, delinear e dar formas, a outra deseja apenas dissolver, romper os limites e destruir as formas. Uma busca efetivar-se sobre a outra, uma ou outra predominam e determinam as configurações de tudo o que se apresenta na realidade e na alma humana.

Devemos notar ainda que existem inúmeras configurações para as forças, não necessariamente a simples oposição de duas delas. O que trouxemos foi apenas um exemplo capaz de dar sentido ao que foi anteriormente exposto e demonstrar o dinamismo de combinações possíveis.

Esse aspecto dinâmico das forças, presente desde os primeiros escritos de Nietzsche, demonstra que esse caráter impede que elas não se exerçam. O constante combate nunca cessa, nunca chega a um termo, um fim – e por isso, é impossível acreditar numa realidade teleológica. Não pode haver finalidades em relações de forças dinâmicas, sua tentativa de superar-se e efetivar-se faz da força um eterno vir-a-ser, uma eterna combinação de possibilidades e de configurações.

Essa concepção nietzschiana demonstra a opção do filósofo por uma abordagem energética no conceito de forças, em oposição a um materialismo ou mecanicismo. Por essa concepção as forças atuam como um aspecto de pura ação capaz de criar efeitos, que condiz com as abordagens físicas modernas de energia elétrica, magnética e radiativa, diferentes de uma abordagem semelhante à mecânica de Newton, por exemplo. Para ele não pode haver uma

substância na força, uma vez que ela é sua própria ação<sup>23</sup>. Se consideramos a existência de uma substância ou coisa que define a força, teríamos que admitir que mesmo na natureza há uma intencionalidade. O raio, a luz, as ondas e todas as forças em ação teriam que ter uma substância original, algo em seu ser que as colocasse em ação, posição que seria atomística: “o mais antigo atomismo ainda procurava, além da “força” que atua, aquele montinho de matéria no qual ela se encontra, a partir do qual ela age, o átomo<sup>24</sup>. Mas Nietzsche não vê as ciências naturais dessa forma, e já em *Humano, demasiado humano*, obra de sua segunda fase, ele procura esclarecer:

Em todas as constatações científicas, calculamos inevitavelmente com algumas grandezas falsas: mas sendo tais grandezas no mínimo constantes, por exemplo, nossa sensação de tempo e espaço, os resultados da ciência adquirem perfeito rigor e segurança nas suas relações mútuas; podemos continuar a construir em cima deles – até o fim derradeiro em que a hipótese fundamental errônea, os erros constantes, entram em contradição com os resultados, por exemplo, na teoria atômica. Então ainda nos sentimos obrigados a supor uma “coisa” ou “substrato” material que é movido enquanto todo o procedimento científico perseguiu justamente a tarefa de dissolver em movimentos tudo o que tem natureza de coisa, de matéria: também aí nossa sensação

---

<sup>23</sup> [...] Tal substrato não existe, não há um ser atrás do agir, da produção de efeitos, do vir-a-ser; o agente é pura e simplesmente acrescido de maneira imaginativa ao agir – o agir é tudo (NIETZSCHE, 2007a, p. 42).

<sup>24</sup> NIETZSCHE, 2008b, p. 38.

distingue entre o que se move e o que é movido, e não saímos deste círculo, porque a crença nas coisas está ligada a nosso ser desde tempos imemoriais. (NIETZSCHE, 1997, p. 28-29).

Percebemos, dessa forma, como Nietzsche opta por uma concepção de forças que descreve os movimentos dinâmicos e o constante vir-a-ser das coisas em oposição a uma concepção materialista que admita que algo físico (um Ser) possa atuar nas forças, ou exista em sua própria constituição inerente.

E essa concepção essencialmente dinâmica das forças define seu caráter: como um querer-vir-a-ser, como um exercer-se, um combate sem fim. Pode-se admitir que, nesse sentido, é um caráter energético das forças. Não há, portanto, um estado durável, uma vez que tudo só está desta forma que percebemos por um equilíbrio de forças, por algum tempo. Por mais longo ou curto que seja o tempo dessa configuração, ela acaba e dá origem a outras forças e configurações diversas na matéria e na vida. A cosmologia nietzschiana é puro dinamismo, um transbordamento e um equilíbrio, ela constitui o universo, os seres a partir de elementos básicos constituintes e forças atuantes baseadas na vontade de potência.

Tampouco se pode atribuir uma causalidade ao mundo se levarmos em conta a teoria de forças. O filósofo percebe que onde se reconhecem causas, são as forças em conflito que determinam o efeito que percebemos; e as forças, entendidas como manifestações de vontade de poder, acabam por determinar o que nos é dado a conhecer, o que vemos como causa e efeito. Recorreremos novamente

à Nietzsche em seu já referido aforismo § 36 de *Além do bem e do mal*:

...A questão, por fim, é se reconhecemos efetivamente a vontade como *efetiva*, se acreditamos na causalidade da vontade: se o fizermos – e no fundo, a crença *nisso* é justamente nossa crença na própria causalidade – então *temos* de fazer experiência de estabelecer hipoteticamente a causalidade volitiva como sendo a única. “Vontade” só pode atuar, naturalmente, sobre “vontade” – e não sobre ‘matéria’- enfim, é preciso arriscar a hipótese de que por toda a parte onde se reconhecem “efeitos”, vontade atue sobre vontade – e que todo acontecer mecânico, na medida em que uma força se torna ativa nele, é justamente força de vontade, efeito da vontade. (NIETZSCHE, 2008b, p. 62-63).

Ocorre uma negação do princípio de causalidade, no sentido de admitir intencionalidade ou determinação de sua origem, uma vez que as forças indeterminadas e sobrepondo vontade sobre vontade, acabam por estabelecer-se como relação e não um sentido único de causa. Não é possível à Nietzsche admitir uma cadeia causal, se a vontade de potência é uma espécie de “causa primeira”<sup>25</sup> que vai constituir o elemento básico de todas as forças, todo efetivar e todo vir-a-ser; e como tal, está presente em todas as forças, tudo que compõe o mundo tangível.

---

<sup>25</sup> Termo usado por nós para explicar o pensamento nietzschiano, mas que não chega a ser usado pelo filósofo. Cabe, no entanto, para expressar a ideia de que a Vontade de Potência seja o elemento básico e primordial de que partem as considerações filosóficas de Nietzsche.

Sendo assim, o mundo não teve início nem terá um fim. Não pode ter vindo de uma atuação de vontade de potência anterior, pois seria apenas efeito de algo, de uma força anterior; ou como vontade de algo transcendente que o criou do nada. O filósofo rejeita essas abordagens e se mostra favorável à ideia de que o mundo é eterno:

O mundo subsiste, não é nada que vem a ser, nada que perece. Ou antes: vem a ser, perece, mas nunca começou a vir a ser e nunca cessou de perecer – conserva-se em ambos... Vive de si próprio: seus excrementos são seu alimento (NIETZSCHE, citado por MARTON, 2000, p. 71.)

Entendemos que o mundo se apresenta à Nietzsche como um constante vir-a-ser, um querer-vir-a-ser, uma forma inacabada e ao mesmo tempo completa de todas as configurações de forças. Devemos pensar as coisas como relações dessas forças, como embates de diferentes vontades. O sentido que somos capazes de perceber e a causalidade que parece emergir dos fenômenos é apenas parte desse complexo sistema atuando. Pensar numa intencionalidade, nesses termos, é imaginar que o querer-vir-a-ser e próprio ser sejam o mesmo. Algo que Nietzsche espera ter dissociado.

#### 4.1 ETERNO RETORNO

A partir dessas avaliações podemos relacionar a ideia de forças em atuação por uma Vontade de Potência inerente a tudo que existe e entendida como o que dá vida a um ente; eternamente em ação, em efetivação; livre de ca-



deias causais intencionais; capaz de subsistir num tempo infinito. O pensamento nietzschiano nos desperta aqui para outra ideia; esperamos ser capazes de compreender como o filósofo chegou a formular o seu mais complexo conceito: o Eterno Retorno.

Vimos que Nietzsche admite um mundo de forças atuantes em constante embate, efetivando sua Vontade de Potência e de querer-ser-mais. Com isso, alcança-se um equilíbrio provisório, de curta ou longa duração, que faz com as coisas permaneçam por algum tempo com determinadas configurações. Por isso mesmo, não há como admitir uma gênese ou um fim para o universo.

Agora, levando esses aspectos em consideração, Nietzsche postulou uma ideia de que, se as coisas são dessa forma, é porque são constituídas de forças determinadas, ou seja, finitas. Embora tenhamos que pensar de um modo sobre-humano para tentar compreender o número de possíveis configurações de forças em ação<sup>26</sup>. Como se dá essa admissão em relação ao mundo observável? O Eterno Retorno é essa ideia levada a uma reflexão profunda. Diz-se que Nietzsche teve a intuição que envolve as primeiras formulações do Eterno Retorno em um passeio pelas montanhas<sup>27</sup>. A partir disso, redigiu algumas versões da formu-

---

<sup>26</sup> Entendido no sentido de que nossa racionalidade e imaginação não chegam a conseguir pensar desse modo ou calcular as combinações possíveis de todas as forças constituintes. Hoje poderíamos calcular com a ajuda de um computador, o que ainda seria uma demanda incrível, dada a imensa quantidade de variáveis e forças em atuação. Nietzsche nem sequer dispunha de tal tecnologia, mas foi capaz de pensar a complexidade da questão.

<sup>27</sup> Conforme edição de *Nietzsche: os pensadores*, obra que contém traduções dos fragmentos póstumos completos de Nietzsche organizados por Coli e Montinari (NIETZSCHE, 1978, p. VIII).

lação do conceito<sup>28</sup>, das quais nos ateremos a que parece mais completa e que nos dará subsídios para explorar o conceito:

A medida da força total é determinada, não é nada de “infinito”; guardemo-nos de tais desvios do conceito! Consequentemente, o número das situações, alterações, combinações e desenvolvimentos dessa força é, decerto, descomunalmente grande e praticamente “*imensurável*”, mas em todo caso, também determinado e não infinito. O tempo sim, em que o todo exerce sua força, é infinito, isto é, a força é eternamente igual e eternamente ativa: até esse instante já transcorreu uma infinidade, isto é, é necessário que todos os desenvolvimentos possíveis já *tenham estado aí*. Consequentemente o desenvolvimento desse instante tem de ser uma repetição, e também o que o gerou e o que nasce dele, e assim por diante, para frente e para trás! Tudo esteve aí inúmeras vezes, na medida em que a situação global de todas as forças sempre retorna. Se alguma vez, *sem levar isso em conta*, algo igual esteve aí, é inteiramente indemonstrável. Parece que a situação global forma as *propriedades* de modo novo, até nas mínimas coisas, de modo que duas situações globais diferentes não podem ter nada de igual. Se em uma situação global pode haver algo de igual, por exemplo, *duas folhas?* Duvido: isso pressuporia que tiveram uma gênese absolutamente igual, e com isso teríamos de *admitir* que, *até toda a eternidade para trás*, subsistiu algo de igual, a

---

<sup>28</sup> Os aforismos traduzidos de suas obras completas apresentam várias formulações ou ensaios de partes do problema, das quais é possível perceber que o filósofo buscava apurar a definição de seu conceito e aceitar suas implicações e consequências. (NIETZSCHE, 1978, p. 387-397).

despeito de todas as alterações de situações globais e de toda a criação de novas propriedades – uma admisão impossível! (NIETZSCHE, 1978, p. 387).

Com isso exposto, poderemos abordar o conceito de Eterno Retorno e entender como ocorrem as ligações e o desenvolvimento que a obra de Nietzsche experimenta com ele, especialmente a partir de sua teoria de forças.

As primeiras duas frases da formulação apenas partem do que já foi exposto até agora, de que a medida de forças presentes no universo seja determinada, limitada. E a partir de suas combinações e configurações vai dando forma e equilíbrio à matéria, à vida. Essa definição vem de suas observações naturais e de algum entendimento ampliado de seu conceito de força.

Em seguida, o filósofo propõe que o tempo seja infinito, uma vez que as forças são eternamente iguais e ativas. Entendemos essa afirmação por uma ideia simples: por serem determinadas por um efetivar-se, por um querer-vir-a-ser, essas forças não podem ter um início ou fim, apenas adquirem nova configuração conforme atuam e são dominadas e combinadas com outras. Se elas já tivessem alcançado sua potencialidade máxima, teriam se esgotado e o universo já teria alcançado seu fim, o que não parece ser o caso. Se crescessem, simplesmente esgotariam o total de matéria existente no universo. Nietzsche admite uma concepção energética para justificar as forças, condizente com a teoria de conservação de massa e energia presentes já na física e química de seu tempo<sup>29</sup>. Podemos supor com relati-

---

<sup>29</sup> Já a partir de Lavoisier, que popularizara sua teoria da conservação de massa no século XVIII (1785) e publicara os trabalhos envolvendo as

va segurança que o filósofo conhecia as teorias científicas relativas ao assunto. Assim, é necessário que o tempo seja eterno, uma vez que as forças não crescem nem cessam, apenas subsistem e se modificam. Indiretamente, parece que Nietzsche coloca o tempo como apenas um conceito humano, não como entidade metafísica – o que não nos surpreende.

Nietzsche apresenta um novo termo, o de situação global, que não chega a atrapalhar o entendimento de seu aforismo, mas que é importante definir. Entendemos a situação global como uma configuração geral das forças e da natureza como um todo, em determinado momento temporal. Por exemplo: nosso universo nesse momento tem tal configuração que existe gravidade, eletromagnetismo, formas de vida e matéria. Em outra situação global talvez não tivesse essas propriedades, ou as tivesse de modo diferente de como hoje se apresentam. No entanto, num tempo infinito, essas propriedades já deixaram de ser assim e já voltaram a ser assim, já tiveram essa configuração e vão ter ainda, infinitas vezes as mesmas propriedades. Esse retorno infinito da situação global é que gera a expectativa de repetição, que acaba culminando na construção do conceito.

Ao mesmo tempo, não podemos assumir que uma determinada situação global se apresente exatamente da mesma maneira, pois isso requereria que todas as possibilidades e combinações de forças tivessem sido exatamente as

---

reações químicas do oxigênio, se encontra a ideia de que os elementos apenas se reagrupam para formar novas coisas e compostos. A partir desses experimentos formulou-se sua máxima mais conhecida: “Na natureza nada se cria e nada se perde, tudo se transforma”.

mesmas num tempo passado infinitamente. Essa afirmação exclui que uma coisa possa ser exatamente igual a outra na continuidade do tempo, evitando a repetição de situações. Não haveria assim, as mesmas pessoas, objetos e coisas, mas poderia haver o eterno retorno das situações globais que criam as condições para que as pessoas, objetos e coisas existam. O vir-a-ser acaba sendo um estado natural, uma conclusão necessária em consonância com a Teoria de Forças.

Nesse sentido, entendemos o Eterno Retorno como uma pluralidade de forças em eterna tensão, criando e destruindo na mesma proporção. O mundo é um processo em constante equilíbrio e não um sistema; essa multiplicidade geradora evita que se tenha uma estrutura estática, ainda que possamos vislumbrar ordem em meio ao caos. O universo se apresenta em uma totalidade interconectada de *quanta* dinâmicos em permanente tensão. Se de alguma forma permanece em unidade é por causa dessas conexões e relações das forças, jamais cumprindo determinações ou finalidades.

Nietzsche equilibra seus conceitos através dessa intrincada rede de conceitos naturais, estabelece sua teoria acerca da atuação e efetivação das forças, desenvolve o conceito da Vontade de Potência - especialmente ligado à vida - e postula o conceito de Eterno Retorno como um conceito básico de sua cosmologia e de suas observações. A partir desses elementos ele pode estabelecer bases sólidas para aplicar uma análise genealógica, tecer críticas à moral e à ética, praticar uma avaliação psicológica de seu tempo e da filosofia de sua época. Como ele parte para essas análises? O que podemos desenvolver a partir de seus concei-

tos? Como ele chega a escapar do inevitável positivismo ou mecanicismo que suas conclusões apontam? Veremos no próximo capítulo como o filósofo descobre novas implicações de seus conceitos e chega a ideias como o *amor fati*, transvaloração e o super-homem<sup>30</sup>.

---

<sup>30</sup> Optamos pela tradução mais conhecida, apesar de estarmos cientes que o termo *Übermensch* poder ser traduzido como Além do Homem ou Superação do Homem.

## 5 AS IMPLICAÇÕES DA TEORIA DE FORÇAS NA OBRA DE NIETZSCHE

Partindo das observações naturais e cosmológicas, procuraremos entender algumas das diferentes formas de interpretar os resultados dessas conceituações, avaliando o alcance de suas implicações. Essa tentativa de rever os conceitos e teses de Nietzsche à luz da Teoria de Forças pretende, acima de tudo, responder a uma necessidade de revisão do que se conhece acerca do filósofo. Muito podemos afirmar sobre Nietzsche na moral e na ética, na estética, na política. Entretanto, acreditamos ser possível entendê-lo por outro prisma ainda pouco explorado de sua obra. Veremos como os seus conceitos iniciais, influenciados por sua cosmologia, acabaram por chegar até o ponto em que os conhecemos de modo genérico.

### 5.1 – PERSPECTIVISMO

O primeiro ponto que precisamos entender para, a partir dele, compreender a forma de construção nietzschiana, é o que podemos chamar de perspectivismo: a doutrina epistemológica, ou uma teoria de conhecimento, segundo a qual as formas de apreensão do mundo variam conforme o ponto de vista ou o observador. Refere-se à ideia de que o conhecimento não estaria sujeito a uma verdade como cor-

respondência, já que a verdade é mais uma noção moral, social e linguística do que epistemológica.

O termo “perspectiva” tem uma inequívoca conotação espacial e visual, como evidenciam as diversas passagens em que Nietzsche estabelece uma analogia entre o conhecimento e a visão<sup>31</sup>. A noção de perspectiva sugere ainda um recorte ou uma delimitação no campo do saber, pois, ao ocupar uma determinada posição, o observador está por definição, excluído das demais.

A analogia com a visão mostra que vemos por intermédio do olho, mas o olho é exatamente o que não vemos, ou seja, para que possamos ver, algo deve permanecer excluído. Assim, se o caráter determinado de toda perspectiva exclui a possibilidade de um conhecimento ilimitado, sua multiplicidade parece excluir uma síntese. E mais: o conhecimento está diretamente ligado ao que é individual e interpretável pelo sujeito:

...Na medida em que a palavra “conhecimento” ainda tem qualquer sentido, o mundo é cognoscível: mas ele é *interpretável* de outro modo, ele não tem nenhum sentido subjacente, porém inúmeros sentidos, “perspectivismo”. [...] Nossas necessidades são *aquilo que interpreta o mundo*: os nossos instintos seus prós e contras. Cada instinto é uma espécie de ânsia de dominar, cada um tem uma perspectiva que gostaria de impor como norma a todos os demais instintos. (NIETZSCHE, 2007b, p. 165).

---

<sup>31</sup> Como exemplo podemos citar o aforismo § 374 da *Genealogia da Moral* que trata especificamente desse caráter perspectivo e que será abordado adiante no presente trabalho.



Essa noção sugere que ocorre uma transformação do objeto em função da posição do sujeito: o objeto passa a se conformar ao ponto de vista e à interpretação do sujeito, em função de suas características cognitivas, em função de suas vontades e de sua determinação ou não em apreender o objeto. Tudo passa pela nossa percepção e linguagem, que não podemos transcender ou ignorar. Nesse sentido, a consciência age como uma espécie de lente que se interpõe entre o olhar e o mundo, procurando avaliar tudo o que se pretende perceber em relação ao mundo. O instinto tem papel fundamental, expondo em caráter primário a Vontade de Potência inerente em cada indivíduo e também em sua forma de aprendizagem do mundo. Podemos perceber que num nível muito básico, tudo começa naturalmente pela forma como estruturamos nosso pensar, nossa interpretação, nossa vontade e consciência.

Nietzsche afirma em outro ponto de seus fragmentos que a vontade para o poder interpreta, delimita graus, determina. Ainda assim essas diferenças de poder só podem perceber a si mesmas por um espécie de interpretação, onde um tenta se apoderar do outro, gerando nos processos orgânicos um permanente interpretar (NIETZSCHE, 2007b).

Uma perspectiva não é apenas aquilo que limita nosso campo de visão, mas também o que o torna possível; pretender suprimi-la para alcançar as “coisas em si” seria um absurdo comparável a querer fechar os olhos para ver melhor. E seria esquecer que ela define as coisas a partir do pensamento de cada sujeito. E aqui cabe outro aforismo que possa clarear o assunto:

Uma “coisa em si” é tão errada quanto um “sentido em si”, uma “significação em si”. Não há nenhum “estado de coisas em si”, *contudo um sentido precisa sempre ser primeiro projetado lá dentro para que possa haver um estado de coisas*. O “o que é isso?” constitui uma *postulação de sentido* a partir da perspectiva de algo outro. A “essência”, a essencialidade é algo perspectivístico e já pressupõe uma multiplicidade. Subjacente está sempre o “o que é isso para mim?” (para nós, para tudo que vive, etc.). (NIETZSCHE, 2007b, p. 159).

Como nos mostra um aforismo de seu livro *Gaia Ciência* (que transcreveremos adiante), é inútil pretender saber o que há para além das perspectivas, porque esta investigação, por sua vez, teria lugar no interior de uma perspectiva. Mas essa metáfora visual pode nos induzir a um equívoco: pois o perspectivismo não reside em afirmar que o conhecimento varia segundo o ponto de vista, e sim em negar a existência de um ponto de vista transcendente que poderia reunir os demais em uma síntese ou totalização, e que seria a única condição pela qual poderíamos conceber uma “coisa em si” para além das perspectivas. O que Nietzsche parece pôr em questão não é a possibilidade de conhecermos a verdade, mas a existência mesma da verdade, isto é, de um estado de coisas constituído do qual o conhecimento seria a representação mais ou menos exata. O que quer que seja o mundo, o homem é parte integrante dele e não pode reivindicar a transcendência necessária para instituir-se como sujeito e tomar o mundo como seu objeto. É nas relações, nas

interpretações e nas constantes manifestações de vontade que o mundo se faz, se conhece.

É a própria existência que se revela perspectivista. É o que podemos depreender da análise do aforismo § 374, denominado “*Nosso Novo Infinito*” — que apresenta uma das formulações centrais do perspectivismo:

Até onde vai o caráter perspectivo da existência? Possui ela de fato outro caráter? Uma existência sem explicação, sem “razão”, não se torna precisamente um absurdo? E por outro lado, não é qualquer existência essencialmente “a interpretar”? É isso que não podem decidir, como seria necessário, as análises mais zelosas do intelecto, as mais pacientes e minuciosas introspecções: porque o espírito do homem, no decurso dessas análises, não pode deixar de se ver conforme a sua própria perspectiva e só de acordo com ela. Só podemos ver com nossos olhos. (NIETZSCHE, 2008a, p. 222).

O aforismo nos remete a questão de decidir até onde se estende o perspectivismo da existência. Como já demonstramos o conhecimento vêm de uma apreensão interpretativa da realidade e do objeto. Isso significa afirmar que a própria existência é desprovida de toda forma e medida, de todo sentido, valor e finalidade, a não serem os que lhe são atribuídos pelas diferentes perspectivas; isso coloca em questão não apenas a possibilidade de conhecermos a verdade, mas a existência mesma de uma verdade. Esse relativismo epistemológico pode não excluir a possibilidade de uma verdade “em si” — verdade ontológica da qual o objeto seria o suporte, mas nesse caso a verdade seria dada em

sua totalidade pelo próprio objeto. Nietzsche recusa essa hipótese: como supor uma verdade do objeto sem admitir um olhar que o contempla e o interpreta?

Ao afirmar o caráter perspectivo da existência, o que Nietzsche recusa não é uma instância ontológica, mas a hipótese de que a realidade aparente seja a expressão de uma essência, de que o fluxo do devir seja a manifestação de um mundo do ser, que as construções perspectivas sejam a representação de um mundo constituído. Para isso seria necessário conhecer todas as perspectivas acerca da realidade para poder conhecer o mundo em si.

Em consonância com suas afirmações acerca do Eterno Retorno esse devir não passa de uma manifestação das forças atuantes e da forma como conseguimos captá-las, adaptá-las e desenvolvê-las. É a Vontade de poder atuante em cada ser, cada apreender uma visão, uma interpretação. O objeto não nos traz nada que não seja essa manifestação e escapa com essa definição de um sentido único de ser, de coisa.

É possível afirmar que todo conhecimento é perspectivo? Não é preciso pretender estar fora das perspectivas para que tal enunciado seja possível? Deste modo, o perspectivismo põe em cena um paradoxo semelhante ao que se coloca para o cético, pois se todo conhecimento é perspectivo, isso se aplica também àquele que enuncia tal “verdade”, gerando um impasse aparentemente insolúvel. A grande maioria dos intérpretes pretende resolver esse dilema atribuindo ao pensamento de Nietzsche um estatuto de meta-perspectiva: a interpretação da interpretação, na medida em que quer compreender a interpretação enquanto

tal, não é da mesma ordem que a interpretação primária. (ROCHA, 2003).

No entanto, Nietzsche refuta essa proposta e inclusive submete a sua perspectiva ao mesmo critério perspectivista que impõe às demais. Toda crítica do conhecimento exige um ponto de vista exterior àquilo que se critica (objeção à Kant e um dos problemas do ceticismo). O cético pretende denunciar a falácia de todo discurso além do seu próprio, a partir de um ponto fixo, uma exterioridade em relação ao que se duvida. Nietzsche se coloca, em relação ao conhecimento, numa atitude de suspeita e não de dúvida cética. Se o cético não pode pôr em dúvida a atitude cética, a suspeita, ao contrário, é passível de ser incluída no conjunto das coisas sob suspeição. Aquele que suspeita admite permanecer na incerteza: a própria perspectiva a partir da qual enuncia seus juízos permanece duvidosa. Nietzsche precisaria partir de um ponto para empreender sua crítica do conhecimento, como demonstra a passagem do Livro do Filósofo:

Todo conhecimento é medido de acordo com uma escala. Sem uma escala, quer dizer, sem uma restrição, não há conhecimento. No domínio das formas intelectuais acontece o mesmo se eu interrogar acerca do valor do conhecimento em geral: devo tomar uma posição qualquer que se situe mais alto, ou que pelo menos seja fixa para servir de escala. (NIETZSCHE, 2007c, p. 46).

Entretanto, Nietzsche não adota uma metaperspectiva, mas sim uma opção que o diferencia dos céticos e da filosofia crítica tradicional: ele busca um ponto de

vista fora do campo epistemológico, em seu conceito de Vontade de Potência e nas suas observações sobre a Teoria de Forças. Trata-se da concepção de que o valor do conhecimento não reside em seu teor de verdade, mas em sua capacidade de criar e instituir valores que prescindam dessa “verdade” e reflexo direto da maneira de pensar essencialmente humana, vinculada à vontade. É por esse motivo que a crítica de Nietzsche escapa à objeção que habitualmente se levanta contra o ceticismo. O cético pretende ainda dizer a verdade quando afirma que não há verdade, ao passo que Nietzsche recusa até mesmo essa pretensão. Para ele, a ideia de Ser é somente algo definido e extraído como contraponto à ideia de Nada e, portanto, é tão vazia quanto esta: admitido que tudo está submetido ao fluxo do devir, nada se sustenta como identidade e substância no tempo: não há ser senão como vida e devir, a não ser como força em ação, em transbordamento e efetivação; não há conhecimento senão como interpretação.

O perspectivismo permanece impossível de ser fundamentado epistemologicamente e, deste modo, rigorosamente improvável. Uma filosofia que não pode fundar a si mesma pode ainda assim ter valor?

A resposta de Nietzsche para essa questão pode ser retirada de uma passagem de *Crepúsculo dos Ídolos*: “O que precisa ser demonstrado não tem grande valor.<sup>32</sup>” Demonstrar equivale a buscar um fundamento, apoiado por outra coisa que não sobre si mesmo. Inversamente, aquilo que não pode ser demonstrado revela por isso mesmo seu caráter inteiramente afirmativo: não remete a qualquer ins-

---

<sup>32</sup> NIETZSCHE, 1998, p. 24.

tância exterior, não recorre a nenhum outro para se legitimar, entretanto, se mostra aceitável.

A filosofia de Nietzsche não pode ser demonstrada porque recusa a existência de qualquer instância capaz de possibilitar tal operação. Mas o mais importante é que ela não precisa ser demonstrada, pois retira sua validade e sua coerência dessa mesma impossibilidade. Nesse sentido, o caráter indemonstrável do perspectivismo, em lugar de comprometer seu valor, é a prova de sua coerência. O paradoxo do perspectivismo é que ele aceita seu caráter ilusório, contrariando assim aquilo que caracteriza todo discurso: a pretensão à verdade. Ele se basta a si mesmo e se faz afirmador por si próprio. Ele é a manifestação da Vontade de Potência no seu aspecto epistemológico, de aprendizagem.

Ainda assim, o pensamento de Nietzsche não resulta em um relativismo, pois mesmo que todas as perspectivas sejam ilusórias, podem ser submetidas a uma avaliação quantitativa, na medida em que sua legitimidade não deva ser buscada em um fundamento que ele próprio aboliu, mas no fato de que renunciando a sua verdade, exige menos de si. O filósofo assinala em um aforismo de seu livro *Humano, Demasiado Humano*: “o que nos distingue dos crentes e dos piedosos não é a qualidade, mas a quantidade de nossa fé e de nossa piedade: nós nos contentamos com menos”<sup>33</sup>.

Ao conceber um mundo absolutamente destituído de sentido, a filosofia de Nietzsche pode legitimamente se considerar como o mais perigoso ponto de vista, o devir

---

<sup>33</sup> NIETZSCHE, 1997, p. 53.

como perspectiva de conhecimento, a partir de seus conceitos de Vontade de Potência e do Eterno Retorno, suportados por sua Teoria de Forças.

## 5.2 – NIILISMO

Entendendo como se dá essa análise do que seja uma perspectiva de conhecimento e de visão de mundo, podemos tentar compreender os conceitos de Nietzsche um pouco mais a fundo. Ficou claro que a Vontade de Potência tem reflexos na maneira como apreendemos as coisas do mundo, como interpretamos e damos sentido às coisas. O Eterno Retorno destaca o caráter indeterminado e dinâmico da existência. Entretanto, é preciso notar que ao retirar o sentido da existência Nietzsche nos deixa um vácuo que tem reflexos éticos e morais capazes de afetar negativamente o ser humano<sup>34</sup>. Seria possível pensar que o devir deixa o homem numa situação de completo abandono, de absurdo.

Esse aspecto absurdo é conhecido na obra do filósofo como Niilismo<sup>35</sup> e podemos analisa-lo de modo profundo se tomamos como base, especificamente algumas de suas passagens de seus fragmentos póstumos. Nietzsche apresenta (vários aspectos pelos quais se pode encarar o

---

<sup>34</sup> Negativamente num sentido negador de vida, não afirmativo da existência. O caráter absurdo da existência leva a uma visão pessimista que escapa a uma moral afirmadora.

<sup>35</sup> Doutrina filosófica que nega a existência do absoluto, quer como verdade, quer como valor ético. Em Nietzsche, caracteriza-se pela descrença em um fundamento metafísico de todos os valores éticos, estéticos e sociais da tradição (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p. 144).



niilismo: a) a começar por uma interpretação de que o niilismo é um erro social ou degenerativo, uma espécie de corrupção; b) como decadência moral do cristianismo de sua época; c) num ceticismo quanto à moral (sem transcendentalidade, nada tem sentido); d) contra a falta de sentido inerente a uma crítica dos juízos de valor moral; e) como consequência do desenvolvimento das ciências naturais; f) e como absoluta falta de originalidade artística, reflexo de suas avaliações sobre o romantismo<sup>36</sup> (NIETZSCHE, 2007)<sup>37</sup>.

Mas é num aspecto específico que o niilismo se encaixa com a visão pessimista de mundo que o caracteriza, através de um estado psicológico; e Nietzsche o distingue de forma que ele só poderá ocorrer passando por três etapas, sendo a primeira quando procuramos um sentido em todo o acontecer que não está contido nele, e nessa busca acabamos por perder o ânimo, ou seja, se chega ao niilismo quando tomamos consciência do desperdício de força, da tormenta do “em vão”, quando se percebe que com o devir, nada pode ser alcançado, não há finalidade. A segunda etapa ocorre quando o homem se coloca sob uma totalidade, um sistema, para depois perceber que não há um “universal”; sem o seu valor medido por esse todo, o homem perde sua capacidade de acreditar em seu próprio valor. E finalmente após passar por essas duas etapas resta como escapatória ao homem condenar o mundo do vir-a-ser co-

---

<sup>36</sup> Esse tipo de análise estética não será exposto neste trabalho, ainda que se possa entender que Nietzsche critica exatamente o tédio, a passividade que impregnava a arte de seu tempo, disfarçado de otimismo e de “novo” em diversos artistas.

<sup>37</sup> NIETZSCHE, 2007b, p. 47-48.

mo ilusão, e inventar um mundo que esteja para além dele. Porém, tão logo esse mundo seja criado, o homem percebe que o fez por mera necessidade psicológica e que não tem nenhum direito a ele, e a partir daí o homem se encontra na terceira etapa do niilismo, que leva o homem a total descrença em um mundo metafísico, levando-o a aceitar a realidade do vir-a-ser como única realidade e impedindo a si a crença em qualquer via dissimulada que o leve a outros mundos e falsas divindades, o homem então passa a não mais suportar esse mundo, já que descobre que não se pode negá-lo (NIETZSCHE, 1978)<sup>38</sup>.

Esse estado psicológico é o niilismo que vem em decorrência da aceitação do Eterno Retorno e de suas consequências imediatas. Parte-se dele para entender que não podemos considerar mais uma forma de falar de verdade ou unidade, o mundo perde seu sentido de valor quando não se pode interpretar o caráter global da existência. A perspectiva humana se põe como única forma de compreensão, única maneira de viver no mundo. Não há finalidade a alcançar, não há mais um mundo verdadeiro. E com isso, parece que o mundo fica sem valor para nós<sup>39</sup>.

Parece que é preciso perguntar: de onde vem nossa crença nas categorias de “unidade”, “fim” e “ser” e por que parece que o mundo não pode mais ser interpretado com elas? A pergunta não pode ser simplesmente respondida, nem avaliada de modo isolado. O que Nietzsche aponta é para o aspecto perspectivista de aceitação da crença nessas

---

<sup>38</sup> NIETZSCHE, 1978, p. 380.

<sup>39</sup> ...as categorias “fim”, “unidade” e “ser”, com as quais tínhamos imposto ao mundo um valor, foram outra vez *retirados* por nós – e agora o mundo parece *sem* valor (NIETZSCHE, 1978, p. 380).

categorias, capaz de erguer um mundo de significações com seu conceito acabado e passível de ser estruturado metafisicamente. Essa aceitação carrega uma valoração, uma importância dada à essa construção de mundo que parece verdadeira. Desse modo, o próprio “aceitar” é origem do niilismo, na medida em que passamos a valorar algo que é puramente fictício, preso e arraigado a uma única perspectiva; ao pensar por outra forma é preciso desvalorizar essas categorias, se quisermos pensar efetivamente o mundo, julgando que por elas o mundo se faz. Essa perspectiva inicial acaba mudando, altera-se para tentar intensificar a utilidade e manutenção de formações humanas; nesse ponto, a crença se desfaz, não há mais sentido pensar o homem como sentido e medida de valor das coisas do mundo (NIETZSCHE, 1978)<sup>40</sup>.

### 5.3 – AMOR FATI

Para podermos avaliar o mundo devemos escapar a uma perspectiva teleológica, de mundo criado, que contenha conceitos fixos. O que Nietzsche percebe é que por termos um mundo *incriado*, capaz de se auto refazer, que contempla inúmeras visões, um devir constante, esse mundo de interpretações deve pressupor uma nova forma de encarar o absurdo da existência humana. O homem não é o princípio da criação, o mundo nem sequer parece ter sido feito para ele, não há transcendência, não há fim. Essa dança cósmica, de criação-destruição-interação é o que movimenta o mundo e suas coisas. O vir-a-ser coloca o homem

---

<sup>40</sup> NIETZSCHE, 1978, p. 381.

em uma posição incômoda de se perceber apenas um mísero grão de areia na história do universo. Algo insuportável de um ponto de vista psicológico (ferindo diretamente o ego da razão humana).

A partir disso o que se imagina é: por que então devemos ser éticos? Por que agir bem com outros? Por que não abraçar esse triste fim, essa certeza de que minha vida é absurda e não vale nada perante o mundo?

Poderemos suportar essa existência ao observar o mundo de uma forma específica, com a qual Nietzsche entende ser possível tornar-se um afirmador da vida, em consonância com sua observação acerca do eterno retorno e do devir. Em sua obra *Gaia Ciência* o filósofo introduz o conceito de *amor fati* (amor ao destino):

...Desejo aprender cada vez mais a ver o belo na necessidade das coisas: é assim que serei daqueles que tornam as coisas belas. *Amor Fati*: seja assim, de agora em diante, o meu amor [...] E em uma palavra, portanto: não quero, a partir de hoje, ser outra coisa senão uma pessoa que diz Sim! (NIETZSCHE, 2008a, p. 142).

A partir desse conceito ele busca afirmar o aspecto criador e dionisíaco da existência humana. Ele resgata, a partir de suas avaliações cosmológicas e da Teoria de Forças, a ideia de um devir e com isso, de uma aceitação do absurdo da existência capaz de afastar o niilismo inerente a essa visão. Basicamente, aceitar o destino, não fugir dele, abraçar essa existência única e essencial, e a partir disso,

amar suas escolhas, suas decisões, ser um homem capaz de se responsabilizar, transformando-se em um valorador<sup>41</sup>.

A razão disso é que o homem é capaz de reconhecer sua finitude, e ao mesmo tempo sua eternidade; tudo que já existiu voltará a existir, cada instante traz essa marca de uma eternidade, para frente e para trás. O homem pauta suas ações, nesse sentido, justamente querendo algo apenas se querer que este algo volte sem cessar:

...Caso este pensamento te dominasse, talvez te transformasse e talvez te aniquilasse; perguntarias a propósito de tudo: “Queres isto outra vez e por repetidas vezes, até o infinito?”. E pesaria sobre tuas ações como um peso decisivo e terrível! O então, como seria necessário que amasse a ti mesmo e que amasse a vida para nunca mais desejar nada além dessa suprema confirmação! (NIETZSCHE, 2008a, p. 179).

O *Amor Fati* resume-se a uma forma de superação de si, onde o homem pode alcançar em si mesmo algo que está além. Essa noção faz com que se perca o medo do absurdo, mostra que é possível entender o vir-a-ser como um meio e não um obstáculo; dá uma nova dimensão ao pessimismo alcançado com a visão niilista. O *Amor Fati* não é resignação pura e simples; tampouco age como um conformismo. Não há aqui uma causa, nem uma finalidade: apenas se é. E sendo, e decidindo sobre sua vida e o mundo

---

<sup>41</sup> O valorador seria o indivíduo capaz de fazer esse caminho de avaliações morais, entendendo o Eterno Retorno, buscando recriar sua existência e com isso, transvalorar e criar valores para outros indivíduos com sua força atuante, sua própria Vontade de Potência.

de modo a querer que elas voltem sem cessar, o homem recria sua perspectiva e reconstrói seus ideais, agora embaçados em sua própria potência. Esse caráter afirmador dá uma nova forma ao Eterno Retorno, resgata a essência afirmadora e transbordante da Vontade de Potência, projetada em infinitas possibilidades a única coisa que pode sustentar a vida: valoração e interpretação (MARTON, 2000)<sup>42</sup>.

...Minha fórmula para a grandeza do homem é *amor fati*: não querer ter nada de diferente, nem para a frente, nem para trás, por toda eternidade... Não apenas suportar aquilo que é necessário, muito menos dissimulá-lo – todo idealismo é falsidade diante daquilo que é necessário – mas sim amá-lo. (NIETZSCHE, 2003a, p. 67-68).

O que motiva Nietzsche é a possibilidade de entender o *Amor Fati* como um modo de fazer com que homem alcance sua grandeza, sua plena potência. O entendimento desse conceito clareia as decisões futuras, estabelece a vida e o devir como critérios de criação dos valores, como forma de estabelecer a moral. Em essência, o *Amor Fati* é um dizer-sim dionisíaco ao mundo, em oposição a uma visão idealizadora e negadora da vida, presente nas religiões e na maioria dos códigos morais, aos quais Nietzsche ataca ao longo de sua obra.

---

<sup>42</sup> MARTON, 2000, p. 233.

## 5.4 – VALORAÇÃO, TRANSVALORAÇÃO E MORAL

A forma como Nietzsche organiza sua obra, em que parece ficar clara a distinção de fases de observação e experimentação de conceitos e ideias, nos coloca de frente com o conceito mais expressivo de seu pensamento: a Valoração. Entenderemos como Valoração a capacidade de criar, entender e criticar valores, no seu mais amplo aspecto moral. “Do ponto de vista ético, os valores são os fundamentos da moral, das normas e regras que prescrevem a conduta correta. No entanto, a própria definição desses valores varia em diferentes doutrinas filosóficas”<sup>43</sup>. Com isso em mente pretendemos entender o aspecto mais conhecido, a perspectiva que marcou Nietzsche ao longo da filosofia e sua relação com a Teoria de Forças.

Primeiro, é importante avaliar que o filósofo tem por análise primária a ideia de um mundo constantemente criado e recriado, altamente interpretativo e com um aspecto fundamental de uma força atuante na vida, capaz de afirmar sua existência e suas decisões. Esse contexto, conforme foi exposto até aqui, nos permite entender como a filosofia moral é a ponta de um gigantesco iceberg de conceitos, ideias, esquemas e de uma filosofia pouco compreendida nessa perspectiva.

Nietzsche estabelece a moral como seu alvo constante por ter nela a principal adversária contra o Eterno Retorno. Como pode ser possível rever valores se o idealismo continuar a envenenar a perspectiva humana? É preciso destruir a moral da transcendência e acatar uma nova

---

<sup>43</sup> JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p. 191.

moral afirmadora da vida, que é pura Vontade de Potência, pura interpretação e relação de forças dinâmicas, em constante reconfiguração e atuação.

Em sua obra, Nietzsche estabelece uma série constante de ataques à moral vigente em sua época – estabelecidas na forma do cristianismo e da tradição judaica. Em essência, o que Nietzsche busca é desconstruir a moral de rebanho que ele percebe em ação ao longo da história. Deseja partir de ideias construídas ao longo de suas avaliações para aquilo que pode ser mais determinante para a existência humana, a valoração moral, capaz de definir indivíduos, sociedades, ideologias, religiões. “[...] Mas tudo veio a ser; não há fatos eternos: assim como não há verdades absolutas – Portanto o filosofar histórico é necessário de agora em diante, e com ele, a virtude da modéstia”<sup>44</sup>.

Em obras de sua segunda fase, Nietzsche começa a elaborar sua ideia a respeito da criação da moral, suas consequências e o mais importante, como se pode entender a moral para mudá-la. Começando com *Humano, demasiado humano* (citada acima), o filósofo avalia a moral e as religiões, tendo seu terceiro capítulo intitulado *A vida religiosa*, e mais adiante, faz inúmeros comentários e aforismos defendendo o tema da moral. Em *Aurora*, as avaliações começam a ganhar ares de uma crítica bem fundamentada e aparecem textos questionando as bases morais:

Até agora foi sobre Bem e Mal que pior se meditou: foi sempre um assunto perigoso demais. A consciência, a boa reputação, o inferno, em certas circunstâncias a própria polícia, não permitiam e não per-

---

<sup>44</sup> NIETZSCHE, 1997, p. 23.



mitem nenhuma imparcialidade; em presença da moral, justamente, como em face de toda autoridade, não se deve pensar, e muito menos falar: aqui se – obedece! Desde que há mundo, nenhuma autoridade ainda teve boa vontade para se deixar tomar como objeto de crítica; e criticar logo a moral, tomar a moral como problema, como problemática: como? Isso não era – isso não é – imoral? (NIETZSCHE, 1978, p. 155).

Em sua última obra dessa fase, *A gaia ciência*, Nietzsche continua testando seus argumentos em favor de uma crítica dos valores e da moral. Nesse livro aparece o famoso aforismo § 125 – *O Insensato*, que trata da morte de deus<sup>45</sup>. No aspecto moral, esse texto contém a síntese da crítica nietzschiana aos valores e principalmente, à religião cristã. A anunciada morte de deus, a zombaria dos ouvintes e a constatação do louco de que chegara cedo demais, mostra de modo metafórico o caminho percorrido pela análise de Nietzsche. Imbuído de suas noções cosmológicas, ele percebe o avanço da ciência, das ideias modernas; a religião perde sua posição privilegiada como fonte de saber e resposta aos anseios do mundo. A crítica começa quando se desmistifica o dogma, e no século de Nietzsche essa crítica atingia um período de ápice.

De qualquer modo, é a análise genealógica e psicológica, aplicadas aos povos e nações, que vão orientar os

---

<sup>45</sup> Não colocaremos a transcrição do referido aforismo por entender que não devemos nos estender demais nos pormenores da construção da crítica à moral, elaborada por Nietzsche. Nos concentraremos nos aspectos mais próximos do tema de nosso trabalho, buscando explicitá-los ao longo do desenvolvimento argumentativo.

pensamentos de Nietzsche e criar sua rede de conceitos e de crítica. A Valoração que criou o Cristianismo, vinda de uma moral idealista, transcendente e com vistas a um sentido de existência, é frontalmente contrária à ideia de Vontade de Potência, de uma concepção de existência afirmadora da vida. Ao finalizar essa fase de sua obra, Nietzsche está pronto para reformular alguns de seus conceitos e trabalhar mais firmemente na desconstrução da moral, tendo em vista a Transvaloração, ou seja, uma inversão<sup>46</sup> dos valores estabelecidos, após sua desconstrução pela análise e crítica da moral.

Sua terceira fase se inicia com a obra *Assim falava Zaratustra*, que se caracteriza por uma construção e reavaliação de toda sua filosofia, como ele imaginava que deveria ser, estruturada em suas observações anteriores (sobretudo os conceitos de Vontade de Potência, Eterno Retorno e Além do Homem) que já analisamos em nosso trabalho. A partir desse livro, Nietzsche deixa claro que sua visão de vida é Vontade de Potência, que a destruição da moral se faz necessária e que o novo tipo de homem capaz dessa transformação – Transvaloração – será o *Übermensch* (Super-Homem) ou Além do Homem. É importante notar que Nietzsche estabelece a partir dessa ideia o critério de valor que norteará suas concepções morais e de valoração: a vida é o valor máximo, o valor dos valores, uma vez que é Vontade de Potência – e, como já vimos no Capítulo 3: Indícios

---

<sup>46</sup> Entendemos a inversão dos valores como algo colocado em contraponto à moral cristã, inicialmente, mas que depois refere-se de um modo mais geral a qualquer moral ascética, plebéia ou negadora da vida, com valores invertidos aos desejados pelo homem nobre, afirmador e valorador. Essa dicotomia é apenas o começo e não representa uma única forma de criação ou transvaloração dos valores.

de Uma Construção Cosmológica, ela é o ponto chave da interpretação da vida e ligação entre os aspectos naturais e morais.

Sua construção de argumentos se concretiza ao longo de suas próximas obras, a saber: *Além do bem e do mal*, *A genealogia da moral* e *Crepúsculo dos ídolos*. Experimentando suas ideias em diversas perspectivas, Nietzsche estabelece, nessa fase, seu pensamento filosófico, criando os conceitos mais conhecidos de sua obra, especialmente os que explicitam sua crítica à moral. Moral de escravos e moral dos nobres tomam forma, como num resgate do embate de forças:

A rebelião dos escravos na moral começa com o fato de que o próprio *ressentimento* se torna criador e gera valores. O ressentimento desses seres, aos quais a verdadeira reação, aquela da ação, é interdita e não se contenta senão com uma vingança imaginária. Enquanto toda moral nobre nasce de uma triunfante afirmação de si mesma, a moral dos escravos opõe um “não” a tudo o que não é seu, a um outro modo, a um não ele mesmo; esse “não” é seu ato criador. Essa mudança total do ponto de vista dos valores – essa orientação necessária para o exterior em lugar de um retorno para si mesmo – evidencia precisamente ressentimento: a moral dos escravos necessitou sempre, em primeiro lugar, para emergir de um modo oposto e exterior, em termos fisiológicos, de estimulantes externos para simplesmente agir – sua ação é fundamentalmente reação. (NIETZSCHE, 2007a, p. 34-35).

Assim, pode-se compreender de que forma o ideal de pensamento nobre pode estabelecer valores. Por sua maneira de avaliar o mundo, que ressalta seu sentimento de plenitude, o nobre demonstra um excedente de força, um transbordamento de ideais que espelha seu transbordamento vital. Ele se reconhece como criador de valores e como uma força natural, atuante em sua sociedade<sup>47</sup>. Lembremos que, para Nietzsche, vida é Vontade de Potência. A Valoração será, nesse sentido, uma manifestação das forças em ação numa esfera psicológica e social.

Mas é no seu próximo livro que a crítica se torna mais contundente e toma por alvo o Cristianismo, por ser ele a base dos valores ocidentais e por ter sido identificado por Nietzsche como o principal adversário de uma reconstrução moral. Em *O anticristo*, Nietzsche trata especificamente da questão do Cristianismo. A crítica com que ataca os seguidores da religião cristã complementa o que foi apresentado em sua outra obra, *A genealogia da moral* (1887). O que é o bom? O que é o mau? O que é a felicidade? Nietzsche parte desses questionamentos para uma rede de argumentação, onde demonstra como a religião cristã se aproveitou de fraquezas do espírito, tornando-as sua força, invertendo os valores da Antiguidade. Assim, para Nietzsche, a compaixão é vista como a principal fraqueza do ho-

---

<sup>47</sup>: “Exigir da força que não se manifeste como força [...] é tão absurdo quanto exigir da fraqueza que se manifeste como força”. E logo em seguida, “... Uma quantidade de força corresponde exatamente à mesma quantidade de impulso, de vontade, de produção de efeitos, e não pode parecer de outro modo senão por uma sedução enganosa da linguagem (e dos erros fundamentais da razão que nela estão petrificados)”, já citado em nosso trabalho no capítulo 4. (NIETZSCHE, 2007a, p. 42).

mem, pois seria contrária aos impulsos vitais mais básicos e naturais. A maneira comunitária de agregar os excluídos, típica do Cristianismo, é um vício do qual o Império Romano se contagiou, a ponto de declarar legal, e depois oficial, a religião dos plebeus. A inversão que o filósofo percebe é justamente uma inversão do processo vital, uma supressão das forças primordiais da existência humana.

Nietzsche ataca o teólogo, a figura que cria essa religião anti-natural; ataca o psicologismo deturpado que perpetuou a religião cristã. Os valores éticos do Cristianismo seriam os valores do plebeu, do excluído, movidos pelo ódio aos nobres e não pelo amor ao próximo. As noções de pecado, juízo final, alma, punição e outros, são todas armadilhas do espírito. O cristão fica preso nessa teia engendrada para dominar as vontades livres e igualar os seres humanos como a um rebanho.

Ele demonstra ao longo do livro seu conhecimento das escrituras bíblicas e seu argumento se torna mais forte. Deus é visto com várias faces, várias maneiras de agir. Refletem as ideias de cada tempo e cada necessidade das classes sacerdotais judaicas. O fato de a Europa ter se tornada cristã o irrita, pois demonstra uma fraqueza de espírito que ele não consegue suportar.

... A igreja cristã não poupou nada em sua corrupção, de todo valor fez um não-valor, de toda verdade fez uma mentira, de toda integridade uma vilania da alma. Que se atrevam ainda a me falar de seus benefícios “humanitários”! Suprimir uma miséria qualquer ia ao encontro de seu interesse mais profundo; ela viveu de misérias, ela criou misérias para se perpetuar... Por exemplo, o verme

do pecado: é com essa miséria que a igreja para começar presenteou a humanidade! A igualdade das almas perante Deus, essa hipocrisia, esse pretexto para o rancor de todas as almas vis, essa noção explosiva que terminou por se converter em revolução, em idéia moderna e princípio de decadência de toda ordem social – é a dinamite cristã... Benefícios “humanitários” do cristianismo! Fazer da *humanitas* (humanidade, caráter) uma autocontradição, uma arte da ignomínia de si, uma vontade de mentira a todo custo, um desprezo por todos os instintos bons e honestos (NIETZSCHE, 2008d, p. 134).

Fica evidente a relação que Nietzsche percebe entre Valoração e a afirmação da existência e da vida. Para ele é imprescindível que o homem se torne capaz de questionar seus valores, perceber as relações de poder envolvidas, criticar a maneira como a religião submete seus fiéis a uma moral absoluta. E toda a sua crítica à moral tem por base o conceito de Vontade de Poder em sua relação com as forças criativas da vida.

Mas a Transvaloração só será possível se for executada por homens, filósofos ou não, que compreendam essa relação, que entendam a forma de viver afirmativa e, por isso, capazes de estabelecer sua vontade perante o rebanho, criando valores capazes de resgatar o aspecto afirmativo da existência.

## 5.5 – SUPER-HOMEM OU ALÉM DO HOMEM

No contexto da criação de valores está inserido o tipo de homem que será capaz de realizar a Transvaloração, e Nietzsche o identifica como o *Übermensch*, o Super-Homem ou o homem superior perante o qual os homens comuns haverão de se curvar e ao qual deverão reverenciar. Esse homem é apresentado em diversas passagens de *Assim falava Zarathustra*, especialmente nos capítulos *Da vitória sobre si próprio*, *Dos sublimes* e *Do homem superior*, no qual a personagem título exalta a figura desse novo tipo de homem necessário para os novos tempos que se aproximam. Como exemplo:

E o que é um ser criador do bem e do mal de fato: ser primeiro um destruidor e quebrar os valores em pedaços.

Assim, o maior mal pertence ao bem maior: que é o bem criativo. (NIETZSCHE, 2012, p. 117).

Aqui, Nietzsche, na fala de Zarathustra, relembra os principais aspectos que definirão o novo tipo de homem, aquele necessário à filosofia que está por vir. O Super-Homem é a superação do homem. Ele é a passagem, a ponte entre o homem comum, o rebanho e a Transvaloração, a superação da moral negadora da vida. Cabe à ele ser nobre, superior, criar primeiro para si, e depois para os outros, as condições de mudança necessárias a uma moral que volte a afirmar os aspectos vibrantes da existência. O Super-Homem é instrumento do devir, um retorno ao vir-a-ser do homem. Nessa concepção, a superação representa o que está à frente, adiante: o Além do Homem. É também o

espírito livre, desejado e almejado por todo aquele que se descobre livre de uma moral de rebanho ou de ressentimento.

Mas a minha verdade é terrível: pois até hoje a mentira é que foi chamada de verdade... Transvaloração de todos os valores: esta é a minha fórmula para um ato supremo da autoconscientização da humanidade, que se tornou meu gênio e carne dentro de mim. (NIETZSCHE, 2003a, p. 144).

Zaratustra exige do Super-Homem uma série de qualidades necessárias ao seu sucesso: a coragem, a maldade (num sentido de negação das virtudes vigentes), a vontade de se elevar. O Além do Homem é um estado de superação, de altura. É um olhar superior, como se o homem alcançasse a mais alta montanha e de lá contemplasse tudo abaixo de si. Nesse caso, a montanha da moral e dos valores, percorrida com os próprios pés do Super-Homem, usando de suas forças, não mais, nem menos. (NIETZSCHE, 2003b)<sup>48</sup>.

A necessidade de reconhecimento de quem seja o Super-Homem ocorre no momento em que toda a realidade tenha sido avaliada do ponto de vista cosmológico, depois que tenha sido feita a genealogia dos valores e a análise da forma de pensar ocidental. Identificados os fatores que fizeram com que o homem se tornasse o que é, então, se fez imperativa a destruição dos valores. Discípulo de Dionísio, Nietzsche coloca o princípio dionisíaco de caos em ação, para depois afirmar novas formas de valor baseadas na vida; ao tomar como critério de valoração moral a pró-

---

<sup>48</sup> NIETZSCHE, 2003b, p. 254.



---

pria existência, o Além do Homem é a superação da moral do ressentimento, um resgate da força vital da existência humana, capaz de vencer até mesmo o Nihilismo.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que pudemos entender sobre a Teoria de Forças de Nietzsche, tendo em vista a proposta inicial desse trabalho? Acreditamos ter refeito o caminho inicialmente apontado por Scarlett Marton, que seguimos por conta própria e com um enfoque diferente. A questão da existência da Teoria de Forças foi respondida: demonstramos que Nietzsche tem como fundo de suas avaliações e construções conceituais essa teoria como guia. Podemos apontar a coerência filosófica existente em suas análises, como a manifestação da Teoria de Forças: ele pretendia encontrar o ponto de ligação entre as ciências naturais e as ciências do espírito, buscando entender como se dá a passagem dos aspectos vitais para a moral, e na Psicologia encontrou esse ponto, além de situá-la na Vontade de Potência; na genealogia apoiou suas avaliações e na cosmologia deu suporte às suas conclusões e experimentações.

Analisando os textos de Nietzsche, percebemos que ele aborda o conceito de Vontade de Potência como ligado à vida. Num primeiro momento, os apresenta como coisas distintas, depois de Zarathustra estão intimamente ligados. Com a Teoria de Forças, Nietzsche amplia o conceito e modifica sua avaliação. Num primeiro momento o identificava apenas com o aspecto orgânico, mas depois passa a ser parte atuante de tudo o que existe. “Se a vida é Vontade de Potência, isso não significa necessariamente que a Vontade de Potência se restrinja à vida” (MARTON, conforme PECORARO, 2008, p.190).

Nesse sentido, a Vontade de Potência é o elemento irradiado pela existência de forças em efetivação, em seu aspecto cosmológico, em todos os domínios naturais. No entanto, num aspecto moral e de análise de valores, a vida é tomada por critério e parâmetro de avaliação. Assim, é como elemento constitutivo do mundo que a Vontade de Potência se torna também o parâmetro para a análise genealógica.

Esse aspecto dual do conceito decorre do Perspectivismo de que Nietzsche se utiliza para explicar o mundo. Ora aborda a ideia por um enfoque natural e orgânico, ora por uma visão social, psicológica e moral. Em todos os seus escritos parece haver coerência nesse sentido: Nietzsche usa de sua perspectiva interpretativa para tecer experimentações com suas ideias, suas teses filosóficas. Ele transforma em filologia seu exercício em filosofia. Interpretar o mundo, de formas diferentes e a partir de uma base cosmológica, parece não fazer sentido. Entretanto, a genealogia dá as ferramentas para essa interpretação, e a crítica aos valores introduz uma inversão de perspectiva na leitura de mundo, que acaba por justificar o critério de valor estabelecido por Nietzsche.

Perspectivismo e Experimentalismo andam juntos na busca de respostas às provocações de Nietzsche. Se o filósofo propõe uma Transvaloração é porque entende a necessidade de reavaliar valores em prol da afirmação da vida; ele leva suas considerações acerca do Eterno Retorno às últimas consequências (Niilismo), mas escapa delas por sua capacidade de avaliar, de interpretar a existência como força afirmadora, como vontade.

Se Nietzsche alcança a ideia de um Além do Homem é porque percebe a nascente filosofia que viria com suas noções dionisíacas de destruição e recriação (de valores, de morais e de formas de pensar o mundo). Essa filosofia exige pessoas preparadas, exige um tipo de filósofo que escape aos ditames do comum. O novo filósofo deve almejar a altura, a superação de si; deve buscar em sua própria força os meios para ser o Super-Homem.

Não podemos esquecer que Nietzsche postulou essas ideias num momento em que a ciência de sua época buscava novas respostas para as dúvidas científicas acerca da realidade e do mundo, mas ainda não havia postulado certas hipóteses que Nietzsche chega a pensar filosoficamente<sup>49</sup>. A física fazia tentativas de experimentação com mecânica, movimento, eletricidade e magnetismo. A ideia de ondas e campos de força ganhava forma e suas contribuições teóricas podem ter inspirado algumas deduções de Nietzsche acerca da Teoria de Forças, em especial na ideia do Eterno Retorno (sobretudo a partir das teorias de Michael Faraday<sup>50</sup> importantes na construção de muitos conceitos científicos). Na biologia, com as

---

<sup>49</sup> Traremos algumas considerações básicas sobre ciência, encontradas em livros e sítios eletrônicos destinados à estudantes de ensino médio, justamente para demonstrar o quanto são conhecimentos científicos comuns hoje, mas que na época de Nietzsche eram ainda descobertas e teorias pouco exploradas, ou desconhecidas do grande público.

<sup>50</sup> Michael Faraday (1791-1867): sua concepção do eletromagnetismo foi o ponto de partida para as teorias modernas que temos para interpretar os fenômenos eletromagnéticos, principalmente nas formulações das equações de Maxwell, e os luminosos. O que faz de Faraday um dos maiores cientistas experimentais de sua época, senão o maior da história, embora não conhecesse uma matemática mais rebuscada (EBAH, 2012).

críticas que Nietzsche fez à Darwin, Spencer e outros naturalistas, percebemos o nascente conceito de Vontade de Potência, a partir de uma interpretação diversa daquela proposta pela ciência naturalista; o enfoque dado ao querer-ser-mais-forte em detrimento da simples luta pela vida foi fundamental para o estabelecimento de sua noção sobre a vontade. Em todos esses processos, a química também teve papel importante, principalmente com a teoria de conservação de massa de Lavoisier e, mais tarde, com a descoberta de elementos e processos vitais ligados à elementos químicos, noção essa que é fundamental para entendimento de forças em ação em todos os aspectos do mundo natural, de modo único.

Nietzsche antecipa algumas ideias que só surgiriam um pouco depois, como exemplo, a noção de forças como unidades ou *quanta* dinâmicos e não como substância ou grandeza física (substância)<sup>51</sup>. A própria ideia de energia surge dessas interações das ciências naturais. “A tese da permanência da energia estimula o Eterno Retorno”<sup>52</sup>. A maneira como concebe o Eterno Retorno é, hoje, uma forma de entendimento sistemático ou integrador que se manifesta em campos como a Teoria de Sistemas, ou nas visões mais abrangentes da realidade trazidas com a física quântica moderna por autores como Amit Goswami<sup>53</sup>,

---

<sup>51</sup> Contemporâneo de Nietzsche, Max Planck estudava em Munique as relações entre energia e radiação e publicou um artigo em 1900 que apresentava a ideia de quanta e uma constante para o cálculo dessas radiações energéticas, que mais tarde foram determinantes para o sucesso da física quântica (INFO-ESCOLA, 2012).

<sup>52</sup> NIETZSCHE, 2007b, p. 49.

<sup>53</sup> Professor titular da Universidade de Física de Oregon, PhD em física quântica, físico residente no Institute of Noetic Sciences, suas ideias

Fritjof Capra<sup>54</sup> ou o prêmio Nobel de Física do ano de 1963, Eugen Wigner, que atesta que o papel da consciência no âmbito da teoria quântica é imprescindível.

Nietzsche se mostra um visionário nas questões referentes às *Naturwissenschaften*, de forma a conseguir antecipar algumas concepções, e com isso, refletir acerca das implicações da aceitação desse pensamento, das ideias que foram geradas. A maneira como chega ao Eterno Retorno, ao Niilismo e à necessidade de Transvaloração surgem como decorrência dessas avaliações iniciadas no âmbito natural, depois levadas a um patamar filosófico para integrá-las com as *Geisteswissenschaften*; o ponto de intersecção entre essas ciências é o ponto chave para interpretar o mundo, e a consciência exerce um papel fundamental nesse aspecto.

Consciência é a base da interpretação, proposta por Nietzsche e defendida em sua teoria de conhecimento (Perspectivismo). E o caráter naturalista de sua época se reflete mais uma vez em sua filosofia, na experimentação a que submete seus pensamentos, suas considerações e conceitos. A reconstrução de sua filosofia, a partir de

---

aparecem no filme “Quem somos nós?” e em obras como *A Física da Alma*, *O Médico Quântico*, entre outras. Ele defende a conciliação entre física quântica, espiritualidade, medicina, filosofia e estudos sobre a consciência (INFO-ESCOLA, 2012).

<sup>54</sup> Fritjof Capra, PhD, físico e teórico de sistemas, revela a importância do observador na produção dos fenômenos quânticos. Ele não só testemunha os atributos do evento físico, mas também influencia na forma como essas qualidades se manifestarão. A consciência do sujeito que examina a trajetória de um elétron vai definir como será seu comportamento. Assim, segundo o autor, a partícula é despojada de seu caráter específico se não for submetida à análise racional do observador, ou seja, tudo se interpenetra e se torna interdependente, mente e matéria, o indivíduo que observa e o objeto sob análise (INFO-ESCOLA, 2012).

Zaratustra, mostra que Nietzsche buscava reavaliar suas ideias, buscava reinterpretar o mundo, guiado por algumas noções básicas que ele julgou necessárias, como a Vontade de Potência.

Podemos afirmar com segurança que a Teoria de Forças serviu à Nietzsche como um fundamento para sua filosofia, estabelecendo uma coerência de interpretação, permanecendo como uma matriz de fundo para a criação de todos os seus conceitos posteriores, criando as bases de seu pensamento, mesmo quando não parecem se ligar diretamente às suas avaliações, como no caso da moral.

Esperamos ter demonstrado com esse trabalho a importância do conhecimento da Teoria de Forças para a compreensão da obra de Nietzsche, em todos os seus aspectos, e acima de tudo, no estabelecimento de um embasamento científico com que o filósofo cria sua filosofia. É relevante que Nietzsche seja entendido como um teórico nessa linha filosófica, com um estudo aprofundado de seu Perspectivismo na compreensão do conhecimento e das relações entre sujeito e objeto. Sobretudo, para que se mantenha em mente uma abertura ao mundo, buscando constantemente reinterpretar seus significados e testar os limites do conhecimento. A primeira, e mais importante tarefa, é começar pela moral e pelos valores: “*Todas as ciências devem preparar a tarefa do futuro filósofo; essa tarefa consiste em resolver o problema do valor, em determinar a hierarquia dos valores*”<sup>55</sup>.

Nosso trabalho, portanto, é ampliar essa noção integradora de uma interpretação constante, em todas as

---

<sup>55</sup> NIETZSCHE, 2007a, p.52.

avaliações filosóficas, levando adiante a ideia da Teoria de Forças. Nossa realidade moderna já contempla esse entendimento na ciência, principalmente na física quântica, mas ainda não é observada e pensada com rigor na filosofia. Uma inversão de perspectivas em nosso entendimento se faz necessária para que possamos aprender um pouco mais sobre os conceitos nietzschianos e possamos aproveitá-los e usá-los em nossas próprias construções conceituais, visando desenvolver nossas concepções filosóficas.



## REFERÊNCIAS

CHEDIAK, Karla de Almeida. **Filosofia da biologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008. 84p.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editora, 2006. 280p.

MARTON, Scarlett – **Nietzsche das forças cósmicas aos valores humanos**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2000. 296p.

\_\_\_\_\_. Extravagâncias. **Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche**. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Unijuí, 2001. 281p.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A genealogia da moral**. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Escala, 2007a. 154p.

\_\_\_\_\_. **A gaia ciência**. 2. ed. São Paulo, SP: Ed. Martin Claret, 2008a. 253p.

\_\_\_\_\_. **Além do bem e do mal**. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 2008b. 251p.

\_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos ídolos**. Lisboa, PT: Edições 70 Ltda, 1998. 128p.

\_\_\_\_\_. **Ecce homo**. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 2003a. 188p.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos do espólio – julho de 1882 a inverno de 1884**, tradução Flávio Kothe. Brasília, DF: Ed. UNB, 2008c. 401p.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos do espólio – primavera de 1884 a inverno de 1885**, tradução Flávio Kothe. Brasília, DF: Ed. UNB, 2008d. 646p.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos finais**, tradução Flávio Kothe. Brasília, DF: Ed. UNB, 2007b. 237p.

\_\_\_\_\_. **Humano, demasiado humano**. Lisboa, PT: Relógio D'Água Editores, 1997. 300p.

\_\_\_\_\_. **O anticristo**. 2ª edição, São Paulo, SP: Ed. Escala, 2008e. 137p.

\_\_\_\_\_. **O livro do filósofo**, obra incompleta. São Paulo, SP: Ed. Escala, 2007c. 119p.

\_\_\_\_\_. **O nascimento da tragédia**. São Paulo, SP: Ed. Escala, 2007d. 172p.

\_\_\_\_\_. **Os pensadores (Obras Incompletas)**, tradução de Rubens R. T. Filho. 2ª edição, São Paulo, SP: Ed. Abril Cultural, 1978. 428p.

\_\_\_\_\_. **Assim falava Zaratustra**. São Paulo, SP: Martin Claret, 2012. 323p.

---

PECORARO, Rossano (org.) **Os filósofos**; clássicos da filosofia, v. II – De Kant a Popper. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2008f.

ROCHA, Silvia Pimenta Velloso. **Os abismos da suspeita** - Nietzsche e o Perspectivismo. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Relume Dumará, 2003.

INFO-ESCOLA. Física Quântica, 2012, Disponível em: <<http://www.infoescola.com/fisica/quantica/>>.

Acesso em 12 nov, 2012.

EBAH, Michael Faraday, 2012, Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABPDcAI/michael-faraday>>. Acesso em 12 nov, 2012.

A obra tem por objetivo desenvolver a compreensão do conceito da Teoria de Forças na filosofia de Friedrich Nietzsche, procurando avaliar a profundidade de seu alcance na obra do filósofo, em especial, a construção cosmológica de seus primeiros pensamentos filosóficos, até a formulação de seu conceito de Forças e Vontade de Potência. Uma tentativa de reavaliar a forma pela qual Nietzsche chega a postular suas ideias e questionar a atualidade dessa perspectiva de sua obra, estabelecendo ligações entre essa teoria e seus principais conceitos. Ao estabelecer essas comparações será possível entender como Nietzsche usa Teoria de Forças para construir seus principais conceitos, que irão gerar avaliações posteriores acerca do Eterno Retorno, do Além-do-homem e outras. O Perspectivismo e o Experimentalismo inerentes em sua obra ganham vigor ao pensarmos seus escritos em busca dessa construção conceitual.

 editora fi  
www.editorafi.com

